

REVISTA

EDIÇÃO Nº 84 | JUNHO DE 2022

CONEXÃO LITERATURA

PORQUE AMAMOS LIVROS

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoaliteratura.com.br

CONFIRA

Artigos, Resenhas
Contos, Poemas, Crônicas,
Entrevistas, Dicas de Livros e Muito Mais...



Conheça **Do Incisivo ao Canino**, nova obra do autor Bert Jr. - Pág. 11

ISSN 2448-1068

ÍNDICE

CONTEÚDO

Expediente, pág. 03

Editorial, pág. 04

Ecos de Clarice, por Bert Jr., pág. 06

Poema: Caso não raro, por Bert Jr., pág. 10

Lançamento: Do Incisivo ao Canino, do autor Bert Jr., pág. 11

Poemas de Denise Marinho, pág. 13

Dicas para leitura, pág. 15

Poemas de Joaquim Cândido de Gouvêa, pág. 17

Literatura: Heathcliff, sou eu: Emily, por Gilmar Duarte Rocha, pág. 19

Cinema: O poderoso chefão, por Clayton Alexandre Zocarato, pág. 23

Poema: Perspectivas, por Mirian Menezes de Oliveira, pág. 28

Poemas de Wanda Rop, pág. 30

Se assoma, por Mônica Palacios, pág. 34

O que é onomatopeia?, pág. 36

Poemas de Vânia Lúcia Malta Costa Catunda, pág. 39

Poema: Não ganhei o Jabuti, porque o meu livro era peba, por Edmilson Clarindo, pág. 42

Entrevista com Fabiano Furlan, pág. 45

Entrevista com Jaime Kopstein, pág. 49

Entrevista com Nsmoraes, pág. 56

Entrevista com Crísthophem Nóbrega, pág. 60

Entrevista com Marcos Guimarães, pág. 66

Entrevista com Renata de Alcântara Stuani, pág. 69

Entrevista com Robson Felix de Almeida, pág. 72

Poema: Autoestima, por Robson Feliz de Almeida, pág. 78

Entrevista com Valdelice Santos, pág. 80

Entrevista com Victor Garcia Preto, pág. 83

Entrevista com Marcelo Miranda, pág. 88

Entrevista com Marcela Mazzilli Fassy, pág. 92

Citações de grandes autores, pág. 96

Conto: Até minhas pétalas caírem, por Roberto Schima, pág. 101

Conto: Apartamento 302, por Gilson Salomão Pessôa, pág. 107

Conto: Sobrou a glicose, por Idicampos, pág. 111

Conto: Nove fora, zero, por Iraci José Marin, pág. 114

Conto: Eu acredito em fantasmas, por Rosa dos Ventos, pág. 117

Conto: Amor, eterno amor, por Míriam Santiago, pág. 121

Conto: Um enigma..., por Mônica Palacios, pág. 127

Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura, pág. 130



NESTA EDIÇÃO

Dicas para leitura

Entrevistas

Artigos

Poemas e Contos

ARIANO SUASSUNA

"Quem gosta de ler não morre só."

GRACILIANO RAMOS

"Quando se quer bem a uma pessoa a presença dela conforta. Só a presença, não é necessário mais nada."

QUEM FAZ A REVISTA

EXPEDIENTE

Ademir Pascale - Editor-Chefe - ademirpascale@gmail.com

Elenir Alves - Assessora de Imprensa - elenir@cranik.com

CONHEÇA NOSSOS COLUNISTAS/COLABORADORES DO SITE DA REVISTA

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/colaboradores.html

ISSN: 2448-1068

A Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Para baixar nossas edições anteriores:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/edicoes.html

Layout da capa, organização e arte: Ademir Pascale

Agradecimentos aos patrocinadores desta edição

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura, acesse:

www.revistaconexaoliteratura.com.br/p/midia-kit.html

CONTATO:  ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale - Editor-Chefe

- SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS -



conexaoliteratura



revistaconexaoliteratura



conexaonerd

Editor



Ademir
Pascale

EDITORIAL

Queridos leitores!

Nossa edição de junho chega com ótimos poemas, contos e crônicas, além de dicas de livros e entrevistas com escritores. O leitor também pode conferir nas próximas páginas, mais informações sobre *Do incisivo ao canino*, nova obra do autor Bert Jr.

Para saber como participar da nossa edição de julho/2022, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgar o seu livro ou editora: clique aqui.

Tenham uma ótima leitura!

Ademir Pascale

CONTATO:

e-mail: ademirpascale@gmail.com
site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

atinga o seu público alvo

ESCRITOR(A)

divulgue o seu livro

NAS EDIÇÕES DA

Revista Conexão Literatura



ENTRE EM CONTATO
ademirpascale@gmail.com

ECOS DE CLARICE

"O texto de Clarice não se perdeu. Foi sendo lido e relido, por gente das mais diferentes idades; traduzido, chegou a povos de distintas origens."

POR BERT JR.



Começou com Cristóvão Colombo e aquela história do desafio de colocar o ovo de pé no prato. Os perdedores – todos os que se encontravam presentes, excetuado Colombo – não se conformaram com a humilhação sofrida ao não conseguirem executar a façanha. Como se sabe, apenas o engenhoso comandante genovês foi capaz de assentar o ovo de pé, após amassá-lo de leve na base. Todos protestaram, claro. O fato de que, anos mais tarde, Colombo tenha morrido sem a certeza de que havia descoberto um continente inteiro não foi suficiente para aplacar a ira dos vencidos. Não sendo mais possível vingar-se do autor, resolveram castigar o instrumento utilizado para humilhá-los: o ovo.

Uma perversa conspiração foi tomando forma ao longo dos anos, decênios e séculos seguintes. Durante esse tempo, várias tentativas foram feitas para aniquilar o ovo. A tática mais utilizada foi a da calúnia. Os detratores tentaram, por exemplo, fabricar uma *fake news* bíblica ao disseminar a versão de que o livro sagrado jamais atribuíra à maçã o papel de fruto proibido, sendo mais provável que se tratasse de um fruto ovalado, depois convertido no “pomo de Adão” do sexo masculino. “Ovalado”, perceberam a sutileza? Outra associação insidiosa foi espalhar mundo afora a informação de que as cobras põem ovos, o que é verdadeiro para algumas espécies de cobras, assim como várias espécies de outros répteis. O terreno foi, assim, preparado para a cunhagem da expressão: ovo da serpente, que virou sinônimo de origem do mal. Vemos aí, novamente, a tentativa subreptícia de minar a idoneidade do ovo.

Todos conhecemos a prática de detonar publicamente uma performance de péssima qualidade por meio do arremesso de ovos podres. O infeliz alvo da nefasta artilharia, trate-se de artista, político, ou palestrante, nem imagina que por trás desse costume bárbaro se esconda uma seita de inimigos do ovo, trabalhando em sigilo para conspurcá-lo moralmente, por todos os meios possíveis. Ao conceber o seu plano malévolo, a seita antiovo se aproveitou do fato de que o odor fétido exalado na explosão dos ovos apodrecidos adere não só ao corpo da vítima alvejada, mas ao nosso inconsciente coletivo, criando uma atmosfera evocativa da condenação das almas causada por sua irremissível decadência. O cheiro do ovo podre representa, assim, inconscientemente, o odor característico das regiões subterrâneas do inferno. Portanto, aquele sobre quem recai a descarga pútrida sente-se, imediatamente, como alguém banido do convívio dos bons, um desgraçado, carregando na própria pele, em forma de cheiro, a marca de sua pertença às hostes do demônio.

Mas o pior da campanha de solapamento moral do ovo ainda estava por vir. O golpe proveio de expoentes da ciência médica, que, a partir da década de 1970, disseminaram a noção de que o consumo de ovos estava diretamente associado a doenças cardíacas. Tendo em conta que estas constituíam a principal causa de morte em muitas regiões do mundo, inclusive no Brasil, o ovo passou a ser ostracizado por grande parte da população. Durante décadas, ninguém se atrevia a ingerir mais de um ovo por dia, e evitar o seu consumo era até mesmo recomendável para se garantir uma vida com saúde. Curiosamente, mesmo com o banimento do ovo da dieta alimentar diária, as doenças

cardíacas seguiam sendo a principal causa de morte em muitas regiões do mundo, inclusive no Brasil.

Com a adesão de boa parte da classe médica à ideologia antiovo, a campanha difamatória movida durante séculos ganhou credibilidade. A soma de uma pretensa verdade científica aos anteriores e falaciosos argumentos morais e religiosos permitiu à seita expandir sua base de apoio. O ovo parecia condenado à insignificância. Ninguém pensava no ovo como algo apto a existir por si mesmo, sem precisar de justificativas. Apenas se conseguia rejeitar o ovo, como espécie de excrescência do processo orgânico. Ovo bom era ovo descartado, ou evitado. Se ovo fosse mesmo bom, não apodrecia, não precisava de geladeira. Se ovo fosse de fato importante, para que galinha? Provava-se, e documentava-se, a falta de lugar adequado ao ovo, a falta de vez do ovo. O mundo não comporta formas ovoides. No máximo, se chega às esféricas. A Terra não é ovoide, nem a lua, nem Marte. Nenhuma construção é ovoide. Não se poderia habitar um ovo. O ovo, portanto, tinha que ser por força um equívoco, provocado pelo que não se precisa nem se deve saber. Aliás, o ovo tinha era que não ser.

Uma voz se levantou, ainda na primeira metade da década de 1960, para nos alertar acerca da inquietante, inapreensível, imprescindível ideia de ovo. Tão somente uma voz, que naquele momento foi ouvida por poucos, pois para que dar vazão à consciência e permiti-la dissertar de forma delirante sobre o ovo? Logo sobre o quê! Qual a importância de se tecer considerações fantásticas sobre o jeito esquivo de ser do ovo? A que vinha tudo isso? Ninguém entendeu. Mesmo os que gostaram não entenderam, porque a mensagem foi premonitória. Tratava-se de preparar os espíritos desavisados sobre o que então se tramava secretamente, dar-nos argumentos para resistir aos propósitos contrários ao ovo. E Clarice nos deu muitos argumentos, não só lógicos, como também, e principalmente, ilógicos; além disso, ela nos deixou imbuídos de uma missão poética, delineada na parte final de seu conto *O ovo e a galinha*.

O texto de Clarice não se perdeu. Foi sendo lido e relido, por gente das mais diferentes idades; traduzido, chegou a povos de distintas origens. A mensagem começou a reverberar, embora a noção essencial ainda não estivesse consciente em nós. Após 58 anos de leituras, camadas e mais camadas de reflexão e hipóteses, acho que podemos, finalmente, chegar a ter uma ideia do quão profunda foi a intuição, a clarividência de Clarice. Passadas décadas, o argumento científico contra o ovo caiu por terra. O ovo, finalmente, deixou de ser o vilão das dietas, o pivô das doenças cardíacas. Agora recomenda-se, vejam só!, o consumo regular de ovos, apenas com o cuidado normal de não exagerar. Que tal?

Suspeito que o não desaparecimento do ovo de nossas vidas tenha estreita relação com a obra de Clarice. Vários anos antes que a idade das trevas do ovo se instaurasse no mundo, ela nos avisou de que era impossível entender o ovo. “Entender é a prova do erro. Entendê-lo não é o modo de vê-lo”. A impossibilidade de se entender o ovo é, no fundo, o que alimenta o ódio da seita antiovo, por não admitir tal possibilidade. Todo ovo precede tudo, e isso revolta quem requer precedência. Aliás, o ovo é uma miragem cósmica, contendo a memória do que nunca se viu. O ovo é um holograma materializado

do próprio ovo. Sem saber de nada, o ovo acaba por ser superior a tudo; só que não é assim como o mundo teima em funcionar, não é essa a mola propulsora dos atos e fatos. A humildade do ovo em sua inatingível perfeição é um tapa na cara do mundo. Um tapa que o ovo mesmo não dá, mas a ideia que se faz do ovo dá. E dói! Dói como a própria fragilidade física do ovo que se leva em vez de bastão, correndo a prova olímpica de revezamento. Impermeável ao nosso suor, o ovo nos aguarda além da linha de chegada. Impávido, consubstanciado na medalha de ouro em forma de ovo que é um sonho, enquanto se olha a linha de chegada como a galinha olha o horizonte: “como se da linha do horizonte é que viesse vindo um ovo”.

Já se sabe, não é possível amar o ovo. Ele é “supersensível”, uma de suas superioridades que nos desconcertam. Mas é possível admirá-lo, em toda a inapreensível dimensionalidade dele. Foi isso que passamos a fazer, nós os incrédulos dos defeitos que lhe quiseram imputar.

Por isso, não nos cabe outro rito senão o de manter aberta a janela; aquela por onde o ovo chega e pousa, junto com a luz que Clarice compartilhou.



Clarice Lispector

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção, em 2020, com *Fict-Essays e contos mais leves*. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Lança, agora, um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino* (ed. Versiprosa, 2022).



Instagram: @_bertjunior. Site: www.bertjr.com.br.

CASO NÃO RARO

Por Bert Jr.



**dois nomes dois ciscos
no olho do grupo
e o desejo indizível
por sobrenome**

**ternos
já nos tivemos
efêmeros
não nos ativemos
em ter-nos**

**Obs: O poema integra o livro
Eu canto o ípsilon E mais
(ed. Labrador, 2021).**

MINIBIOGRAFIA:

Bert Jr. é gaúcho de Porto Alegre, onde viveu até os 26 anos. Depois de graduar-se em História pela UFRGS, formou-se em Diplomacia pelo Instituto Rio Branco, em Brasília. Sua experiência como diplomata já o levou a conhecer vários países. Estreou na ficção, em 2020, com *Fict-Essays* e contos mais leves. Em 2021, publicou o seu primeiro livro solo de poesia: *Eu canto o ípsilon E mais*. Lança, agora, um segundo volume de contos, intitulado *Do Incisivo ao Canino* (ed. Versiprosa, 2022). Instagram: @_bertjunior. Site: www.bertjr.com.br.

LANÇAMENTO

DO INCISIVO AO CANINO

Nova obra do autor Bert Jr.



Diferentes graus e tipos de humor dão sabor e contraste a um diversificado painel sobre o drama das relações interpessoais.

Do Incisivo ao Canino é o segundo livro de contos de Bert Jr., agora pela editora Versiprosa, novo selo da Primata

Em seu novo livro de contos, Bert Jr. vai “do incisivo ao canino” em narrativas centradas no tema da alteridade. Diferentes graus e tipos de humor dão sabor e contraste a um diversificado painel sobre o drama das relações interpessoais. As histórias podem exalar uma atmosfera onírica, como em *Alma e Outros*, ou incluir pinceladas de mistério, como em *Tutua e Zunzum quântico*. Em *Justina*, um improvável e sombrio erotismo emerge da relação entre um jovem executivo e sua empregada doméstica. Tintas de horror afloram no conto *A sombra*. Em *Cães da praia*, um policial aposentado se converte em matador de cães: seria essa uma forma de sociopatia?





*Bert também escreve poesia, havendo, em 2021, publicado **Eu canto o ípsilon E mais**. Tenciona lançar um segundo livro de poesia ainda em 2022.*

As tensões subjacentes à vida matrimonial eclodem de forma imprevisível em *Autoral* e *Entre dentes*. Em *Programa alimentar* e *Ana Lógica* entram em cena assimetrias de poder e reviravoltas no jogo da sedução; enquanto em *Parisiense* uma anciã com Alzheimer vagueia pelas ruas de um bairro afluyente de São Paulo, guiada por tênues reminiscências. O livro se encerra com *Perfil*, breve relato de um amor moderno, eivado de virtualidade. Em síntese, o leitor encontrará um retrato inquietante e plural de algumas das questões envolvendo a ética dos relacionamentos na sociedade contemporânea.

Do Incisivo ao Canino é o segundo livro de contos de Bert Jr., agora pela editora Versiprosa, novo selo da Primata. Pode ser adquirido nas principais plataformas eletrônicas de venda (Amazon, Submarino, Americanas, entre outras) e no site da Versiprosa.

Bert também escreve poesia, havendo, em 2021, publicado *Eu canto o ípsilon E mais*. Tenciona lançar um segundo livro de poesia ainda em 2022.

O autor tem colaborado com textos para as edições mensais da revista Conexão Literatura.

Instagram: @_bertjunior e Website: www.bertjr.com.br



Romancear

Por Denise Marinho

Eternamente pretendo viver
Esse sonho que me embala desde a mocidade
Devaneios intensos e penetrantes nos ares a minha volta
Dizem que ao andar de bicicleta a gente nunca esquece.

Meus cadernos com anotações guardados nas gavetas
De minha casa, falam de mim, de ti, de nós.
Emoções me fazem chorar com tanta intensidade
Ao recordar as memórias, tantas histórias não vividas.
Mas sentidas, sonhadas e pensadas.

Quero romancear enquanto é possível
Sem inibição, sem culpa e sem medo.
Vou romancear, quero viver essa fantasia,
Que brota em meus sonhos e os floreia da alvorada até o
entardecer!

A amar resolvida estou, admiro meus devaneios frequentes.
Enquanto isso a realidade da vida me agride, me caça.
Me segue de perto, me trazendo a terra, dizendo: — Voltaaaa!
— Não, essa é a minha resposta.

Fujo de tudo que tenta limitar meu romance.
Realidade alterada, mergulho no azul do mundo, Se sonhar é de
graça, assumo minhas asas Dádiva esplendorosa é realizar
promessas da juventude.

Forças renovadas assumo o romantismo que me habita.
O mundo gira, o mundo se transforma, e eu aqui a romancear.
Românticos tem bom gosto, é muito saboroso o amar,
Dessa vez nada me impede de realizar, de viver nossa história de
amor.
Me entrego.



Paixão inebriante

Por Denise Marinho

Meu coração só quer pensar em você.
Disse a ele para ser independente e se resolver.
Mas ele me vence em nossas brigas diárias
Diz que sou mais feliz e alegre com tua presença em mim.
Marcarei uma nova reunião com minhas emoções.

Afinal não perderei essa discussão entre nós:
A razão está confiante em todos os seus argumentos!
A emoção oscilante, agitada, desordenada.
E eu no meio de tudo isso tentando decidir:
O que fazer com essa paixão que arde em mim?

Aconteceu quando eu menos esperava:
Através de conversas pelas madrugadas, um olhar atraente, e
toque das mãos.
Ahhh... Esse brilho em meus olhos.
Sorriso escancarado
Mãos trêmulas quando você sorri para mim.

Voz embargada (nem me reconheço).
Crio mil versos quando estás longe
Esqueço todo texto perto
Perco até a memória de ansiedade
Quero estar com você.

— Emoções, razão, sensações,
Pensamentos de paixão inebriantes:
Se organizem, por favor!
Conversaremos, assim que possível.
Meu amor chegou por aqui:
Felicidade habita em mim.



Poetisa, Escritora, Servidora Pública na Prefeitura do Rio de Janeiro; Arquivista - Universidade Federal do Rio de Janeiro - Unirio. Nascida no Rio de Janeiro em 29 de maio de 1970, sempre estudou em escola pública onde fez amizades para toda a vida, e recebeu incentivo para expandir sua imaginação e criatividade. Apaixonada por Artes: tem participado de diversas Antologias. Acredita que a arte tem o poder de curar, e levar a transformações positivas. Ama estar em contato com a natureza, família e amigos. Sua escrita está ligada ao amor, fé, relacionamentos, reflexões profundas e a sensação de liberdade que a Poesia permite vivenciar: Voar, sem sair do lugar.



DICAS PARA LEITURA

NO E-BOOK PARA SEMPRE, O LEITOR PODERÁ CONFERIR DIVERSOS CONTOS E POEMAS SOBRE AMIZADE E AMOR, ESCRITOS POR ALGUNS DOS MAIS PROMISSORES ESCRITORES BRASILEIROS, COM ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR PASCALE. O E-BOOK É GRATUITO E ESTÁ DISPONÍVEL NO SITE DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA:
WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR E NO SITE DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG.



TRÊS JOVENS INTERLIGADOS VIVENCIAM AS FERIDAS QUE A NOSSA SOCIEDADE PERPETUA: VIOLÊNCIA, INJUSTIÇA E BULLYING, NUMA COMUNIDADE CARENTE DO LITORAL DE SÃO PAULO, ATÉ ENCONTRAREM UM EX-REPÓRTER DE GUERRA QUE PODERÁ MUDAR O RUMO DE SUAS VIDAS. MAIS NOTÍCIAS EM BREVE NOS SITES:
[HTTP://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR](http://WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR) E
[HTTPS://WWW.MAFRAEDITIONS.COM](https://WWW.MAFRAEDITIONS.COM)

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA ESCRITORES

DIVULGUE O SEU
LIVRO CONOSCO

× × × ×
× × × ×
× × × ×
× × × ×

- **DIVULGUE
PARA + DE
200 MIL
LEITORES**

R\$ 150

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



- **ENTRE EM CONTATO:**
- **E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM**

ASSIM... SEMPRE SORRIO!

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

**Quão belo ainda, apreciar seu fixo olhar
Naquele tempo... bem sei: acastanhado
Hoje, o castanho, já um pouco machucado
Mas, como me delicio em admirar**



**Nada importa os lábios, não mais sedosos, brilhantes
Nem mesmo da pele (aquela seda) admirada a todo instante
Os novos “desfiladeiros” agora criados
Creia! Criam desejos em serem mais beijados**

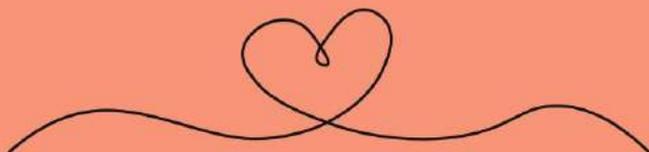
**Ah! Ao redor? Cada covinha continua
Envolvida pelo sorriso, ardente, totalmente nua
E, sobre o olhar
Roubam as pestanas um lugar e, ali, vão se debruçar**

**Salientes, sobrancelhas sobem e descem em pura alegria
Saltitantes permanecem como no carnaval em família
E dos cabelos, sugerindo grisalhos, não nos faz mal
Pelo tempo vivido totalmente normal**

**Demais detalhes entesouro todos com emoção
Estão bem guardadinhos nesse “cofre”, o coração
Que não tem chaves nem mesmo segredos
Abraçando a todos sem o menor medo**

**Sorria! Pode sorrir! Esta é sua imagem agora
Que os poucos íntimos a chamam de Senhora
E digo! Desta visão sempre aprecio
E, por me contentar! Ah! Sorrio!**

**Sobre o você, neste momento ser o tema?
Confesso que no meu interior, virão outros alegres poemas
Por considerar tão belo nosso longo viver
Realmente, radiante entre nós dois, eu e você**



VALE O ESFORÇO

Por Joaquim Cândido de Gouvêa

**Quando a tristeza aparece
O corpo antes florido, colorido
De amor esquecido
Rapidamente desfalece**

**Lábios, antes risonhos
Agora, em nova formação
Medonhos!
Afetando ao ingênuo coração**

**Volta-se a correria para a mudança
O Norte, a busca da esquecida esperança
A retornar o sorrir
Forçando a tristeza partir**

**Quem dera (mas não parece) tão fácil ser assim
Pelo simples desejo o "sentimento" mudar
Assim, proceda diferente ao trocar o novo amar
Exigindo esforço bem maior e tudo enfim**

**Mas, veja! Vale a pena tentar
Acordar no interior o "tal" falado amor
E saiba, irá conquistar
Transferindo alegrias para o lugar da dor**

**E, quando conseguir
Deixe (com serenidade) a tristeza partir
Que vá embora!**

Dando lugar à felicidade, como pode fazer a qualquer hora



Joaquim Cândido de Gouvêa é brasileiro, casado, nascido na cidade de São João do Nepomuceno, Estado de Minas Gerais, economista com alguns Cursos voltados ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Possui poemas publicados no Brasil e no exterior. Sua maior atuação se dá em Lisboa-Portugal, no projeto da Editora Colibri do Livro MUNDO(S), com outros 20 escritores portugueses, coordenado pelo Dr. Ângelo Rodrigues. Participa desde a edição 6 e está, agora, na edição 18. Possui um Livro editado pela Editora Trevo com o Título MAIS DO QUE BUQUÊ. Neste mês de Janeiro está lançando outro Livro com a mesma Editora com o Título ACREDITE! NADA IMPORTA SONHAR! ACREDITE! Possui escrito cinco romances e, também, autor da letra de cinco músicas. Considera-se um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR.

AIR MAIL 13 14

POR GILMAR DUARTE ROCHA

HEATHCLIFF, SOU EU: EMILY



Bem que poderia ser uma novela comum, escrita no período romântico, onde jovens escritoras costumavam publicar os seus escritos com pseudônimo masculino, já que causava estranheza, bem como um certo preconceito, mulheres se envolverem diretamente com publicação de livros.

Contudo, um certo romance escrito por uma jovem de Haworth, uma pequena cidade do interior da Inglaterra, também publicado com codinome masculino, provocou muita intriga entre os críticos da época pela complexidade do enredo e principalmente pela volatilidade do caráter dos seus personagens. Estamos falando de “O morro dos ventos uivantes”, “Wuthering heights”, em inglês, único romance concebido por Emily Brontë, filha de um clérigo da cidade e irmã de outras duas escritoras, Charlotte e Anne (outro fato raro, três irmãs escritoras de sucesso de uma família da baixa burguesia britânica). Com o tempo o livro dessa inglesa nascida Emily Jane Brontë, no ano de 1818, tornou-se um fenômeno de vendas; atravessou o século XX inteiro como um furacão, sendo adaptado diversas vezes para cinema e televisão, com destaque para a inesquecível produção de Hollywood de 1939, estrelada por Lawrence Olivier e Merle Oberon, e que perdurou pelo século XXI, como novas edições e adaptações para o cinema, enfim o livro entrou para a galeria dos clássicos, aqueles que nunca morrem.

Mas o que fez esse pequeno livro, escrito por uma jovem de pouco saber acadêmico, livro de pouco mais de 200 páginas, entrar para o rol das obras imortais, tendo sido gestada em pleno período áureo do romantismo, a primeira metade do século XIX, e que foi publicado um ano antes de outro grande clássico, “O conde de Monte Cristo”, obra densa, literalmente densa (mais de 1.500 páginas), rica em detalhes, escrita pelo prolífico Alexandre Dumas, o francês que construiu um clássico atrás do outro. O motivo pode ser explicado por um detalhe: no livro “O Conde de Monte Cristo, o autor desenha uma história de vingança implacável, onde o comportamento psicológico das personagens é previsível, limitado e maniqueísta. E é nesse ponto que o livro de Emily Brontë se destaca.

“O Morro dos Ventos Uivantes” é sombrio do começo ao fim. Quase gótico. A obra gira em torno do personagem Heathcliff, um garoto de rua de Liverpool que é adotado pelo senhor Earnshaw, dono de uma propriedade rural num lugar cheio de elevações. Earnshaw, possuía dois filhos legítimos, Catherine (Cathy) e o primogênito Hindley, que detesta o “novo” irmão à primeira vista, tanto pelo preconceito da pele morena do rapaz (de origem cigana) quanto pela atenção que o pai dedica ao garoto órfão. Cathy, em princípio também acompanha o sentimento de Hindley, contudo, com o passar do tempo, o relacionamento dela com o irmão adotivo vai se distendendo; acabam-se tornando grandes amigos e logo um sentimento estranho e difuso invade a alma dos dois seres.

Os jovens crescem, tornam-se adultos, mas os sentimentos perduram. Heathcliff suporta todas as humilhações impostas pelo irmão na esperança de continuar ao lado de Cathy e quem sabe a arrebatá-la de vez em algum dia. Entretanto, dois fatores inesperados destroem os planos do rapaz: primeiro, o patriarca da família, Earnshaw, morre e o espólio e a administração da propriedade passam ao controle de Hindley, que

destila todo o seu ódio pelo irmão arranjado, rebaixando-o à condição de empregado da fazenda. Segundo, como era costume na época, era chegada a hora de Cathy se casar e o noivo eleito foi Edgar Linton, dono da Granja dos Tordos, filho de uma família abastada e renomada, vizinho da propriedade dos Earnshaw.

Catherine aceita casar-se com Linton apenas porque percebe que não poderá se casar com o irmão adotivo. Durante um dia comum, Heathcliff escuta uma conversa entre Catherine e a governanta Nelly (por sinal, Nelly é a narradora principal da história) onde a moça confessa que apenas não se casaria com Heathcliff porque a união estragaria a sua reputação e status social.

Frustrado e desgostoso, Heathcliff abandona a fazenda inesperadamente e some por muitos anos. Já homem feito, com aspecto físico diferente e dono de posses, ele resolve aparecer de repente no lugar onde os ventos ululam tetricamente, mas não encontra a pessoa que tanto representava na sua vida. Fica sabendo que Cathy havia morrido de parto e, então, os seus demônios reprimidos são todos libertados. Transforma o ódio em vingança e resolve se fixar como um fantasma numa propriedade anexa aos do Earnshaw.

Consubstanciando: esse livro poderia ser rotulado com uma novela boba, de enredo comum, envolvendo amor, invidía, tragédia e vingança apenas, não fosse a narrativa recheada de descrições pormenorizadas, e o reality show de ações e reações dos personagens complexos, bem como o clima mórbido, lúgubre, sombrio e triste que permeia toda a história.

Emily Brontë faleceu de tuberculose em 1848, um ano após o lançamento da sua obra-prima. Era considerada uma moça tímida, arredia e pouco afeita ao convívio em sociedade. Logicamente, como toda mulher romântica, ela deveria sonhar com o seu príncipe encantado que, decerto, nunca apareceria. Mas, quem sabe, ela não engendrou Heathcliff para cumprir o papel do amado que nunca teria, e ela própria faria o papel de fantasma, que o próprio Heathcliff começava a enxergar e a clamar a presença nas últimas páginas do livro.

A cantora e compositora inglesa Kate Bush compôs na década de 70 uma música de enorme sucesso que chama “Wuthering Heights”, cujo refrão ela replica “Heathcliff, sou eu, Cathy, voltei para casa”. Mas bem que Kate Bush poderia cantar “Heathcliff, sou eu, Emily, voltei para casa”, pois a personagem Catherine bem que poderia ser o alter ego da escritora.

Gilmar Duarte Rocha, eleito para a Academia Brasileira de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor de Tesouraria da Associação Nacional de Escritores-ANE. Lançará o romance “O abençoado”, no segundo semestre de 2022.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



ENCONTRE NOVAS
AVENTURAS

EM CADA LIVRO



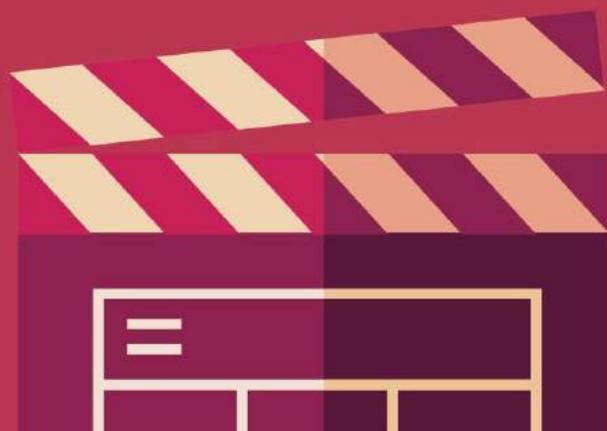
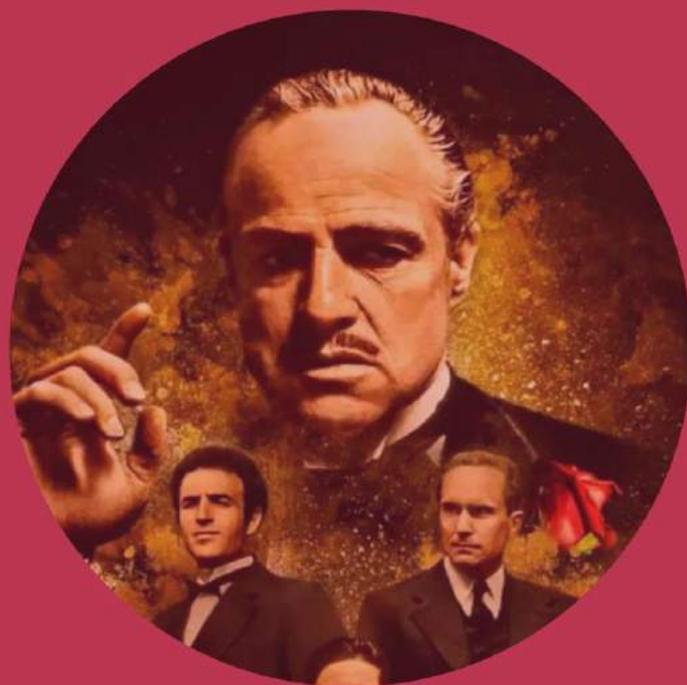


O
Poderoso
Chefão:

50 anos de submissão suprema



Por Clayton
Alexandre
Zocarato



O Poderoso Chefão é um mergulho literário - cinematográfico, acerca de como a honra, pode ser exacerbada em um ângulo de manipulação factual, de promover reflexões acerca do modo de viver ítalo-americano, passando por certames de interpretações, realizando sentido epistemológico em como se fazer cinema, de maneira a provocar, e ao mesmo tempo divertir.

A violência demonstrada por Francis Ford Coppola revela tendências de sua adaptação da obra de Mario Puzo, evocando um espaço de ação, ao qual a morte, é apenas um sentimento de destruição relacionada ao comodismo, em se proteger de um sistema social-familiar ético, que vive de em grande parte de aparência pacífica, entrando em objetivo maquiavélico, quanto há introjeção analítica discursiva, onde a figura autoritária de Don Vito Corleone, joga constantemente com um sentido maniqueísta da história.

Teorizando esse ponto ao historiador da nova história, Fernand Braudel, faz uma análise empírica, onde *“o grande desafio do poder capitalista, está centrado em uma conjectura, onde o poder do homem, se mistura com paralelos, de ficar aquém, de um semblante de igualdade de gêneros antropológicos e de gênero moral”*.

Nesse campo as ações individualistas, de Don Vito, se justificam como um comportamentalismo, que assim busca o, *“poder advindo com um pouco de candura”*, mas que fique disseminado em uma potencialização das vontades, em um maneirismo a se anunciar, que diante os desafios em consolidar um patriarcalismo contemporâneo congênito, está enraizado, um poderio de desequilíbrio da Igualdade Iluminista, organizado por uma gênese arquétipica machista, que vai passando essa tradição de geração a geração.

Em comparação com outras famílias ricas “reais”, que submetem ao Período Renascentista, como os Médicis, os Bórgias, para não dizer os Habsburgos, a política dos Corleones, estão em fazer os negócios da família, como um ornamento punitivo, onde tudo seja permitido a se realizar, desde que seja é claro em seu favor.

Passando assim para um entendimento, onde a *“filosofia do crime”* está no cerni a conservar um tecnicismo patriarcal, que vai submetendo enlacs de acontecimentos, de sofrimentos justificado, como algo necessário, para um processo de empoderamento masculino, que contenha uma justificativa existencial, na transgressão das regras, como sendo um fator de justa causa, para defesa de interesses tanto pessoais, e na justaposição nobiliárquica, de que para uma exteriorização dos desejos mais obscuros, se enraíza uma chantagem do bom-senso, através do uso da arbitrariedade como uma contra-resposta, a uma possível fonte de emoção extenuante em público do *“padrinho”*.

Ou seja, o assassinato, é uma premissa, de que a humanidade falhou na construção de uma sociedade que seja ao mesmo tempo justa como comprometida ao bem estar de todas as pessoas.

Paradoxalmente, o mesmo *“líder que protege”*, também *“extermina”*.

O Poderoso Chefão, literariamente foi lançado, em momentos de grande combustão social, com o mundo ainda sofrendo com as conseqüências da Segunda Guerra Mundial, e com a efervescência da Guerra Fria, aos quais confabula, com os desejos de uma retomada democrática no mundo, bem como na diversificação de uma ética que assim pudesse cuidar de todos, mas que também não descarta a eliminação de

“alguns imperativos humanísticos indesejáveis”, que assim viessem, promover um sentimento elástico, de se aproveitar do poder, tanto estatal, como privado, são uma forma de sobrevivência sensata ao redor uma humanidade insana.

Uma insanidade, que em 1972, com a sua produção cinematográfica chega em um momento de crise para a sociedade americana, com a Guerra Vietnã, onde se coloca o sentido de uma luta ideológica, contra um inimigo, aos quais os jovens morriam, sem saber ao certo o que, a quem estava combatendo no inferno tropical asiático.

“A família Corleone, representa a continuidade, de uma dialética, em se fazer dos negócios particulares, artimanhas, para que perante sua caridade sangrenta para os mais necessitados”, está emoldurado um desejo incessante de submissão, a todos os seus sucintos preceitos de intransigência, anunciando uma consciência de classe dominante, que é capaz de realizar todo o tipo de atrocidades subjetivas, estando concatenados, para um fanatismo indelével da escravização bioantropológica dos seus semelhantes.

Segundo Gyorgy Lukács, **“a conscientização de uma classe, passa por um caminho turbulento, onde a liberdade, tem que estar submetida a um efeito de realizações pessoais”.**

Para os Corleones, o pessoal, só tem alguma validade, de legitimação a, conter algum respeito, desde que possam tirar vantagens para suprir seus interesses.

Tanto, que no seio caridoso, da adoção de Tom Hagen, está um recrutamento, para que no futuro viesse a ser seu **“consigliere”**, como sendo uma forma de retribuição e agradecimento a sua benevolência com o **“padrinho”**.

Diante as pomposas doações, para o catolicismo, se esconde uma fatídica, sina de uma **“nova venda de indulgências”**, que assim compromete, um argumento homogêneo do bom-senso, quanto os beneplácitos que Deus traz, sem escolher classes sociais que sejam necessariamente abastadas.

Sendo assim os Corleones, promovem uma Máfia, como sendo um tipo de messianismo, onde não é somente necessário, a devoção a **“ormertá”**, mas sim uma obediência cega, castrada de consciência empática, beirando a psicose de seus soldados, onde a vontade do chefe deve ser levada e ser cumprida até as últimas conseqüências.

Em um campo **“frankfurtiano”**, o Don Corleone, passa **“como o executor, e o autor de toda e qualquer forma”**, de justiça cultural e hermenêutica, que segundo ele, passa por sua vontade pessoal, como sendo a mais correta, disseminando o **“medo”**, como um elemento genealógico principal de sua tessitura de poder.

Sendo assim está auspiciado ao patriarcalismo, que também contém um vínculo político quanto a tecer uma síntese sociológica, que é necessário se imbuir da violência como uma forma de atingir seus objetivos.

Dom Corleone, entra na crise de um patamar filosófico onde deseja ao mesmo tempo paz com suas famílias rivais como os Tattaglias e Barzini, também pensa, em quem vai deixar a sua herança do seu passado de crimes, bem como a conservar um pacto social, que venha assim. consolidar seu império, mesmo quando não esteja mais presente fisicamente.

Voltando para um sentido de pensamento estratégico da guerra, na figura de Clausewitz, **“está o bojo, de que para se atingir a plenitude de um poderio econômico e**

político é primordial um viés de inteligência, que seja alheia a súplica”, mas que contenha clemência.

A clemência, que Michael Corleone, não vai ter quando herda o lugar do pai, sendo empírico ao extremo, no trato com os seus rivais.

Matar acaba por se tornar, um sínodo, de que tudo não passa de um sentido ontológico de vazio, onde o derramamento de sangue se faz rotineiro, e assim venha a não trazer um traçado de que o chefe possa esta envelhecendo ou ficando manso, mas lapidando sua crueldade.

Assim nos seus 50 anos, e mais sua continuidade em mais outros dois filmes (1974 e 1990), se realiza uma conjectura de que o *“modus vivendi”*, da sociedade americana, minimiza o que seja a morte alheia, e que passa por caminhos psicológicos de não respeitar a liberdade de escolha daqueles que ousam cruzar seu caminho, formativo em sempre ser *“o melhor, custe o que custar”*.

Também escamoteia um falsificacionismo do sonho americano, onde muitos imigrantes italianos foram aliciados para a promiscuidade dos *“falcões do norte”*, como uma forma de sobrevivência, o que revela também uma xenofobia e carência de aceitação moral por parte dos sobrinhos do Tio Sam, em aceitar “pessoas de outras nações” no seu quintal.

Tanto Puzo como Coppola, fazem de suas respectivas artes um claro sinal eclético, de tanto realizar entretenimento como também a fecundar, uma crítica, quanto aos prospectivos sinais nefastos da decadência do sonho estadunidense, ao qual atraiu muitos *“oriundis de lo stivale”* que assim ficaram a mercê de uma miséria outorgada por meio de um ufanismo que foi escravizando-os, e que assim nasce a vicissitude de que para se conseguir respeito, primeiro é necessário ter uma boa dose de humilhação causada por um capitalismo sombrio e mórbido, que não se preocupa em eliminar um existencialismo polimorf, quanto a respeitar as diferenças étnicas e culturais de diferentes pessoas convivendo em um mesmo espaço territorial.

O Poderoso Chefão lança nuances, para uma competição entre conservar a masculinidade, como um sinal de biopoder, que entra em labirintos de uma estética de transpersonalidade, integrando um sentido de arte que possa assim, questionar hierarquias quanto há um sentimento de existência que possa conter assim, um afagar de questionar uma história, que possa promover uma igualdade de gênios, que caminhem para um maniqueísmo, vindos a integrarem sentimento heterodoxos de aceitação intelectuais, que reproduzam, a singularidade que o poder, emana de atitudes que possam coadunar a obsessão, com a razão cativa em buscar um *“ser”* lúdico, mas que não contenha um messiânico objetivo de produzir somente devotos, mas sim um sucessor como um déspota esclarecido da contemporaneidade.

Analisando dentro do escopo da filosofia do poder, está inserido uma linguagem em torno de Dom Corleone, ao qual entra um sentido político, que submete a uma comparação com o *“poder supremo”*, do qual o escritor paraguaio Augusto Roa Bastos descreve em seu romance Eu, O Supremo (1974), ao qual encarna uma visão autoritária e paternal de José Gaspar Rodríguez De Francia, construtor do Grande Paraguai, ao qual seu neto Solano López irá herdar ao qual tudo passa pela autoridade do *“supremo”*.

Perspectivas

Por Mirian Menezes de Oliveira

Mirar, mil vezes, a porta
e enxergar nela a paisagem:
este desafio exorta
a transcender a passagem.

Se a rotina o arroubo corta,
trajando a mesma roupagem,
pode ser a "visão torta"
de que só o novo é miragem.

O velho e o novo, na vida,
dependem mais da feição,
que cada ponto de vista...

assume em nova versão.
Ser humano é ser artista
da mente e do coração!



MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA

Mestre em Semiótica, Tecnologias de Informação e Educação - UBC - Mogi das Cruzes - SP. Especialista em Leitura e Produção de Textos - UNITAU - Taubaté - SP. Membro da REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras e da A.C.I.M.A - MANDALA -Itália, tendo participado do XXXIII Salão Internacional do Livro de Turim (outubro de 2021), como colunista da Revista Bilingue ACIMA Itália (OBA) e coautora de Antologia.

Membro efetivo e correspondente de diversas Academias e Instituições. Possui livros e participações em Antologias nacionais e internacionais, assim como poemas musicados em Projetos de Intercâmbio Cultural.

Participou de Seminários e Congressos de Leitura e Literatura, com publicações de artigos.

Seus livros infantis e de poesia circulam por Salões Internacionais de Livros, organizados pela ZL Books - Editora (New York, Portugal e, em 2021, Paris - França).

É colunista e participa, com frequência, de publicações coletivas (e-books), em Revistas Eletrônicas de Literatura.

Viva bem
Viva com saúde!

bem estar

saúde

PACOTE DIVULGAÇÃO POR R\$ 150

beleza / Livros

Engloba :

Entrevista com
publicação no site
e em uma edição da
revista digital Projeto AutoEstima

Todos os meses
uma nova
edição

Divulgação no Facebook e Instagram

revista
projeto

AUTOESTIMA

edições

acesse: revistaprojetoautoestima.blogspot.com

Saiba como publicar, anunciar ou divulgar no site e na próxima edição da revista digital Projeto AutoEstima, com dicas sobre saúde, beleza, gastronomia, cultura, literatura e bem estar

Escreva para: elenir@cranik.com - c/ Elenir Alves

INESQUECÍVEL

Por Wanda Rop

"O amor pode ser intrigante
E surgir de momentos inusitados
Se você procurar muito
O amor pode nunca ser encontrado

E num desses verões
Quando a tristeza invadia a alma
Eis que surge por acaso
Um sentimento estremecendo a calma

Aqueles olhos sedutores
De um brilho azul sem fim
E meu coração acelerado
Ao ver você se aproximar de mim

O calor do fim da tarde
O belo pôr do sol reluzente
E o primeiro beijo
Ainda vive em nossas mentes

Passados tantos anos
A distância tudo destrói
Ao me lembrar do primeiro amor
Sinto que a alma ainda dói

Se pudesse voltar no tempo
E admirar o seu olhar
Eternizaria o nosso momento
E para sempre iria te amar"



AMOR AO PÔR DO SOL

Por Wanda Rop



**“Sou fascinada pela beleza do sol
Os seus raios iluminam minha essência
Admirando momentos simples
Sentimentos, loucura e carência**

**Ao pôr do sol eu transcendo
Envolvida em seu abraço acolhedor
Meu corpo estremece ao seu toque
Sinto seu beijo sedutor**



**Pareço imortal envolvida em seus braços
Nada pode me abalar
Então, após o beijo na boca
Nada irá nos separar**



**Amar é algo perigoso
Pode nos levar do céu ao inferno
No enigma existente entre as almas
Desejamos somente um amor eterno”**

RECOMEÇO

Por Wanda Rop



“Encantamento gostoso de amor
No toque de suas mãos, o calor
Sinto que a chama da paixão ressurgiu
A tristeza, desorientada, partiu

Há tanta alegria em meu ser
Ao seu lado aumenta o meu querer
Envolta em seus carinhos deliciosos
Na tentação de seus abraços carinhosos

Entrego-me aos encantos voluptuosos
Sensação de que, lá fora, nada mais existe
Somente nossos sentimentos persistem

Ao seu olhar, sou obra de arte deslumbrante
Seus beijos quentes e gostosos, impulsivos
Na penumbra aconchegante, corpos lascivos”



Wanda Rop, paulista, residente em Porto Velho-RO, poetisa, antologista, filósofa, cursando último período de História, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Literários, Docência Do Ensino Sup/Neuropsicologia; Major PMRO, formada em Segurança Pública na Academia Da PMBA. Autora dos Livros: “Tempo de Amar” e “Paixões e Poemas de Uma Mulher Intensa”



TIRE O SEU CONTO OU POEMA DA
GAVETA

ANTOLOGIAS

SELO CONEXÃO LITERATURA

antologias de contos e poemas

**PARTICIPE DAS ANTOLOGIAS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

LEIA OS EDITAIS: CLIQUE AQUI

POR MÓNICA PALACIOS

SE APOCOMA



Sim, ela não conversava nenhum instante sem repetir insistentemente que desejava ser feliz. Que a felicidade interna bruta apresentada no Bhutan é fundamental.

Só que, não temos visto mudanças nem alterações no comportamento.

Acorda de noite e diz que viu chegar a tal da Felicidade até o portão. Algum motivo a fez virar as costas e não entrar. Se chateia.

Não perde a esperança que ao dia seguinte se decida e entre.

Chora insistentemente, come compulsivamente e não para de olhar a rua aguardando a tal visita. Será que alguém quer morar dentro de uma alma tão conturbada? Imagino a Felicidade serena, leve e desejando só luz e calma.

Outra vez gritando, esperneando e agora com outra versão. Viu chegar a Felicidade até a porta do quarto, só que, vestida de preto e com umas garras diferentes, longas e brilhantes.

Consegui lhe sugerir que essa Felicidade não parece a magnânima, soberana e desejada. Estou achando influência dos filmes de Star Wars ou Naruto. Só pode.

Soube na noite seguinte que a Felicidade - em pessoa - lhe explicou suavemente, com aquela voz craquelada, que foi só um pesadelo, pura imaginação e que ainda não pretende voltar. Há ritos a serem finalizados ainda.

Restam estrelas e sol a brilhar, verões e invernos para ser vividos, matos e matas crescerem para que, quando a calma se instalar na sua alma possa aguardar a Felicidade chegar.



Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: Cartas de Manú e Aventuras de Filipo (Livrus) e Medos? Nunca Mais!, pela Soul Editora.

O QUE É ONOMATOPEIA?

A onomatopeia é muito utilizada nas histórias em quadrinhos, porque reproduz na escrita os sons que existem ao nosso redor.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

PETS

*contos e poemas sobre animais
de estimação*

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Leia
Para uma criança



FRUTA-PÃO

Por Vânia Lúcia Malta Costa Catunda

Quando menina conheci
a fruta-pão.

No café de manhãzinha, minha mãe
cozinhava pedaços dela, com amor.
Meu pai trazia muitas nas andanças
das plantações do litoral praiano de São Bento,
do estado de Alagoas.

Era uma fruta gostosa e substituía bem o pão.
Comíamos todos na mesa grande.

Meus pais, avós, tios, primos e meus irmãos.
E escutava os familiares e amigos da cidade
Que a árvore dessa fruta vivia muito, chegando
a casa dos oitenta anos.
E que quando machucada dava látex (Uma cola).
E alegres ficávamos ao terminar o café e conhecer
a árvore tão falada.

Realmente a árvore era grande!
de uns vinte metros (diziam).

De folhas verde-escuras, perenes,
lobadas e vistosas.

Lotada de frutas
Que fruta bonita!

Redonda, cor verde-limão, parecida
com o melão e parente da jaca.

Adubada com esterco de curral.
E como brincávamos com aquela
árvore e mais outras tão igual.

Oh! Que tempo bom!
Embevecida fico de saudade!

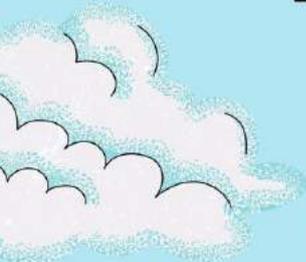


LAVADEIRA-MASCARADA

Por Vânia Lúcia Malta Costa Catunda



Pássaro bem resistente, fácil de encontrar
Na zona urbana. Gosta de voar aos pares ou mais.
É ave-misteriosa, cheia de mitos e crendices.
Reza a lenda que esses pássaros não podem ser alvejados.
Já que lavaram as roupas de Nossa Senhora sujas de sangue
do seu filho Jesus.
Quem desejar atirar neles vai para o inferno.
E há uma conhecida história que um menino
duvidando, apontou o bodoque para abatê-lo e viu a imagem
do capeta e que até hoje, corre.
Engraçado é o nome lavadeira, mas tem muito a ver.
Pois esfrega o seu bico na pedra, como se estivesse lavando
roupa.
É mascarado pela presença de uma faixa preta nos olhos.
Ama tomar banho de piscina.
É ave de espaço aberto.
Frequenta o chão em busca de alimento.
Gosta de viver nos rios, lagoas e córregos.
É frequente esbarrarmos com ele em nossos caminhos.
Passarinho mais engraçadinho!
Vale muito conhecer!



Vânia Lúcia Malta Costa Catunda: Brasileira, natural de Maceió-Alagoas. Tem 62 anos (25 de maio de 1959), primogênita de José Inocêncio Leão Costa (in memorian) e de Maria Cleuda Malta Costa. Tem 04 irmãos: Nazaré, Glaucia, Cleide e Junior. Casada com Júlio César Catunda. Não tem filhos. Formada em Medicina pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL) em 1983. Fez residência Médica no Hospital de Base do DF. Trabalhou na Secretaria de Saúde do DF por 30 anos, no Hospital da Ceilândia-DF. Recém aposentada. Gosta de escrever desde nova. Publicou seu primeiro livro de poesias O OLHAR DA VIDA, neste ano de 2022. É poetisa nata.

ERA UMA VEZ UM OUTONO

ROBERTO SCHIMA

*Era uma vez
um outono*



Roberto Schima

A presente antologia reúne o total de sessenta e dois textos publicados nas revistas digitais "Conexão Literatura" e "LiteraLivre", e antologias lançadas pela primeira e pelo blog "Projeto AutoEstima". Compõe-se de cinquenta e seis contos (drama, nostalgia, fábula, fantasia, horror, ficção científica), três crônicas e três poesias. Além disso, traz várias ilustrações na seção "Galeria", biografia e uma lista de antologias das quais participei e que até o momento, totalizam cento e trinta.

... E os pensamentos, sem focarem em nada em particular — a exemplo das folhas que, ressequidas, desprenderam-se de seus galhos e dispersaram-se através da fluidez do vento — vagaram e vagaram por diferentes memórias sem nelas pousar. Mas deixaram um rastro misto de melancolia e nostalgia, assim como a percepção já consolidada em outras tantas ocasiões de que o meu tempo já passou. Como um outono que veio e se foi, navego à deriva em um mundo que não mais reconheço, busco através da escrita resgatar imagens, sons e sentimentos que ficaram para trás, no ocaso das minhas estações...

PARA SABER MAIS
CLUBE DE AUTORES - UICLAP
AMAZON



MOTE: NÃO GANHEI O JABUTI, PORQUE O MEU LIVRO ERA PEBA

Por Edmilson Clarindo

Eu resolvi me amostrar
Querendo ser escritor,
Contratei um editor
E um moço para ilustrar.
Agora eu vou lhes contar
A dor da minha pereba:
Meu livro ficou uma ameba,
Mas mandei pra Paraty*. (*FLIP)
Não ganhei o Jabuti
Porque o meu livro era peba*. (*expressão nordestina: sem valor e/ou importância).

O livro era sem pretexto,
Sem coerência e coesão,
Com problemas de evasão,
Fugia todo o contexto.
O conteúdo do texto
Falava um pouco de Teba,
Napoleão escuso em Elba
E histórias do Haiti.
Não ganhei o Jabuti
Porque o meu livro era peba.

No livro tinha uma parte
Dedicada à culinária
E atividade diária
Como educação e arte.
Tudo isso num encarte
- Numa folhinha cheba*- (*fácil de achar)
Pros fracos de decoreba
Que não querem admitir.
Não ganhei o Jabuti
Porque o meu livro era peba.

No tocante à comida
- Antes que o leitor me queixe -
Tem um assado de peixe,
Porém, o cheiro intimida.
Pois, libera muita amida
Quando assa a pirambeba;
E sem fogo, ela enseba.
Tem doce de buriti!
Não ganhei o Jabuti
Porque o meu livro era peba.





**Tem uma parte evidente
Para a galera da praça
Que gosta de uma cachaça
Pra ficar com o bico quente.
A receita é aguardente
Com um prato de tatupeba.
Tem o vinho jurubeba
Que lhe põe na UTI.
Não ganhei o Jabuti
Porque o meu livro era peba.**

**Na seção sobre cidade
Falo de Serra Talhada,
O Bairro da Encruzilhada
- Em Recife - e Piedade.
Também menciono Trindade
E cito Paraopeba.
Não esqueço Igarapeba,
Nem tampouco Mauriti.
Não ganhei o Jabuti
Porque o meu livro era peba.**

**Com a mão na consciência
Eu não podia esquecer
De também enaltecer
Uma parte da ciência.
Por isso, as reticências...
Qual sementes de Guapeba
Jogadas em uma gleba* (*terreno para cultivo)
Sob o sol e o aracati* (vento forte de certas regiões nordestinas, ou Cidade do Ceará)
Não ganhei o Jabuti
Porque o meu livro era peba.**

**Na seção sobre esporte
Destaco a final da copa
Com dois times da Europa:
Um do sul, outro do norte.
Um time jogando a sorte,
Mas tomando no 'foreba'* (*gíria, ânus).
E um árbitro de natureba
Que mais parece um aguti.
Não ganhei o Jabuti
Porque o meu livro era peba.**





Depois de meses de espera
Chegou em casa um carteiro,
Andando bem sorrateiro...
Bem em frente da tapera
Eu pensei: "calma, supera"
E fui logo gritando: "ÉBA!"
Mas, o que trouxe o negueba...
Quase me deu um 'piti'!* (*coloq. ataque histérico ou nervoso, chilique, escândalo)
Não ganhei o Jabuti
Porque o meu livro era peba.

Era uma correspondência,
Que fui ler no reservado.
"SEU LIVRO FOI REPROVADO",
Tava escrito em confidência.
Eu perdi a paciência
E fiquei logo tureba*. (*valente)
"Que editorzinho oreba!*, (*pessoa com pouca inteligência)
Vai toma no teu 'oiti'*"! (*gíria, ânus).
Não ganhei o Jabuti
Porque o meu livro era peba.



Edmilson Clarindo

Pernambucano (de Serra Talhada), cientista e escritor. É Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (2009), meste em Química pela mesma universidade (2012) e doutor em Biologia Celular e Molecular Aplicada pela Universidade de Pernambuco (2019). Tem experiência nas áreas de química de compostos antivirais/anticancerígenos e nanotecnologia aplicada ao desenvolvimento de nanosistemas para liberação controlada de fármacos. Recentemente, foi pesquisador no Centro de Tecnologias Estratégicas do Nordeste (CETENE), atuando como bolsista do Programa de Capacitação Institucional (PCI).

Participou das Antologias Poéticas: Lírica Urbe, Salacidade Sideral, Antologia Arte Poética, Habita-me: Poesias, A volta dos que não foram – Poemas Nonsense.

Coletâneas Poéticas: Alvorecer, Ares Lineares e Miscelânea Poética Brasileira (vol. 1, 2 e 3).

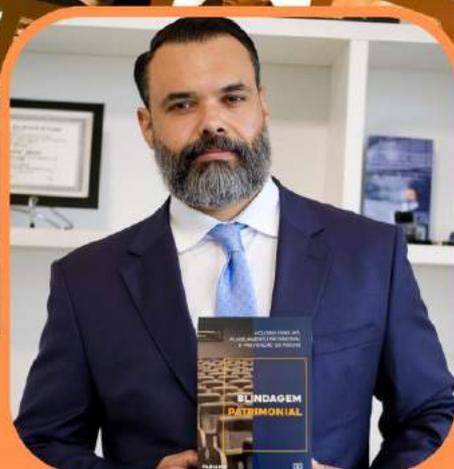
Recentemente, teve um artigo científico aprovado na Revista Ciência & Ideias, intitulado "Uso da literatura de cordel para explicar a metodologia ativa aprendizagem baseada em problemas", envolvendo o cordel como ferramenta didática.

E-mail: edclarindo@gmail.com

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM FABIANO FURLAN



Fabiano Furlan

Advogado, pós-graduado em Direito Civil e Empresarial, proprietário do escritório FABIANO FURLAN ADVOGADOS (www.fabianofurlan.com). Inscrito na OAB/SP desde 2005, representa clientes há quase duas décadas em uma ampla quantidade de matérias dentro dos setores contencioso e consultivo, com atuação independente e diversificada.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Fabiano Furlan: O início no meio literário foi consequência da necessidade de orientar meus clientes no sentido preventivo após verificações práticas de enormes prejuízos materiais e desentendimentos familiares.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Blindagem Patrimonial". Poderia comentar?

Fabiano Furlan: No livro "BLINDAGEM PATRIMONIAL" estabeleço um diálogo simples e objetivo sobre Planejamento Patrimonial, concluindo a obra com algumas soluções preventivas sobre Inventário, Divórcio e Dissolução de Sociedade Empresarial. Escolhi essa temática porque acumulo vasta experiência prática e teórica, agregando conhecimento ao leitor.

Esse livro busca consolidar e expor as principais áreas de atuação do nosso escritório **FABIANO FURLAN ADVOGADOS**, qual seja, Civil, Empresarial e Família, buscando atuar de forma preventiva, porém com foco nas consequências do contencioso judicial. Muitos ignoram o valor de um litígio, mas adianto que, considerando o custo do processo, perícias, sucumbência, honorários contratuais, não raro se perde mais da metade do patrimônio acumulado.

Verifica-se muitas publicações educativas com inúmeras formas de investimentos, onde as pessoas fazem qualquer coisa para atingirem um percentual acima da inflação, mas esquecem do **Planejamento Patrimonial**, com consequências difíceis de enxergar ou aceitar.

Um inventário mal administrado, um divórcio sem planejamento ou uma disputa societária inesperada, podem resultar em perdas de mais da metade de todo o patrimônio acumulado, fora a secessão familiar.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Fabiano Furlan: As pesquisas ocorreram no decorrer de 02 (dois anos) ao longo da pós-graduação em Direito Civil e Empresarial.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?



Fabiano Furlan: “Inevitavelmente as questões do grupo familiar se apresentam, seja diretamente, pelas discordâncias dos sócios, muitas vezes decorrentes de um patriarcado por herança, seja indiretamente, por divórcio dos sócios, quando a esposa participa em metade pelo regime de bens eleito na constância do casamento.

Assim, encontra-se no planejamento patrimonial um investimento a ser considerado, representando extrema vantagem econômica se bem manejado, principalmente nos cenários de discordâncias familiares, societárias até liquidação forçada do estabelecimento empresarial”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fabiano Furlan: Podem acessar nosso site: www.fabianofurlan.com ou diretamente

www.amazon.com.br, possível encontrar em todos principais canais de venda de livros do Brasil e do Mundo.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fabiano Furlan: Existem algumas obras em andamento, mais ainda não concluídas, serão apresentadas ao público oportunamente. Informaremos em nosso site: www.fabianofurlan.com e redes sociais @furlanadvogados

Perguntas rápidas:

Um livro: “O Julgamento de Sócrates”

Um (a) autor (a): Yuval Noah Harari

Um ator ou atriz: Marlon Brando

Um filme: “A História Sem Fim”

Um dia especial: dezembro de 2019, últimos dias da minha lua de mel em Leysin, nos Alpes Suíços.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

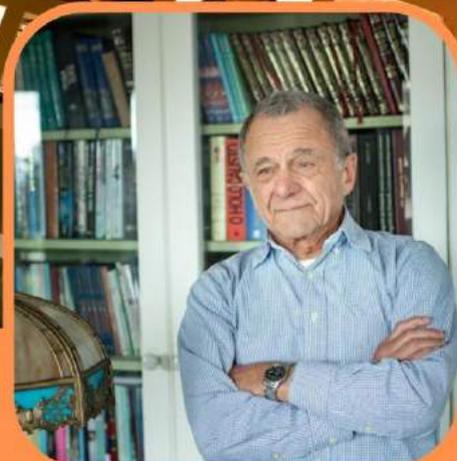
Fabiano Furlan: Deixo um recado aos alunos que desejam desenvolver publicações acadêmicas. Pensem no leitor técnico sem olvidar o leigo. Vejo muitos livros densos, de alta performance que não vendem, que não ensinam, que retratam somente o ego do escritor. Precisamos ser objetivos, sucintos e simples, permitindo o fácil acesso às informações.



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM JAIME KOPSTEIN



Jaime Kopstein

Sou brasileiro, médico, nefrologista, aposentado, idoso, casado, pai de dois filhos, Doutor em Medicina, realizei estágio no Hammersmith Hospital e no Royal Free Lawn Road, ambos de Londres, sou professor de Clínica Médica na Universidade Federal do RS, Brasil, e autor de outro livro, esse no estilo "memoirs", publicado (Vanity Printing) com o título "The Road to José Ignácio", em 2019.

Entrevista**Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?**

Jaime Kopstein: Comecei a ler cedo na vida, seduzido por livros de dois autores que infelizmente hoje perderam visibilidade: os de Karl May e os de Edgard Rice Burroughs. Maravilhosos estímulos à mente juvenil.

Na adolescência, às vezes, eu me sentia doente de tanto ler. Aí veio o vestibular de Medicina e tudo mudou. Investi mais de 35 anos lendo quase somente textos relacionados à minha atividade profissional, preparando aulas, escrevendo artigos, participando de mesas redondas, na condição de Professor da FM da UFRGS.

Aposentei-me e fui pego de surpresa pela rapidez como as coisas da minha vida foram modificadas, preocupado, temia acontecer comigo o que acontece com alguns nessa situação: depressão da aposentadoria. No horizonte nublado, pairava então a ameaça da perigosíssima cadeira de balanço.

Necessitava de um novo projeto, algo que me energizasse. O amor pela leitura continuava intacto, e através dela resolvi revisitar uma particularidade de minha vida, minha sensibilidade ao belo, decidi refletir sobre a formação, sobre a gênese do meu gosto estético, cada encontro que tive na vida com algo que tenha me encantado e revelado o que mais amo e pôr esses achados no papel.

Surgiu então a ideia de escrever um livro classificável como do gênero “memoirs”. Revisitei obras de arte, paisagens, certos episódios históricos, viagens, meu primeiro encontro com o mar e outros agentes de beleza que fui descobrindo passo a passo, ao longo dos meus dias. Meditar, ler sobre cada um e registrá-lo.

Alguns autores eu já conhecia, mas aí foram surgindo os outros, à medida que os procurava, H. Ecco, Dostoevsky, Chekhov, Joseph Conrad, Fernando Pessoa, Eça de Queirós, Machado, a divina Cecília Meireles, Herbert Melville, John dos Passos, Nabokov, as irmãs Brontë, Stephan Zweig, meu Deus, é interminável.

Refugiei-me, então, solitário, na beira do mar e li e escrevi como se não houvesse amanhã. Fiz meu primeiro livro que consegui que fosse vertido para o inglês (desejei publicá-lo; vãs esperanças) e o intitulei “Road to José Ignacio”.

Ao terminá-lo temi esgotar-se o desejo de escrever, e ter de encerrar com ele minha carreira de escritor, mas não foi o que aconteceu. Escrever e ler estabeleceram-se na minha vida permanentemente. Escrevi, então, pequenos contos.

Foi então que uma fotografia, uma simples fotografia que encontrei nas andanças literárias daqueles dias, funcionou como um click que disparou a ideia de editar o diário de um homem, cuja vida cheia de atribulações, alegrias, sucessos, derrotas e enorme

capacidade de luta, voltou a motivar-me de maneira inesperada. Escrevê-lo foi simplesmente uma experiência ainda mais rica do que a primeira.

E escrevi o Diário de “Otto Klein”

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Jaime Kopstein: Eu escrevo porque me faz bem, eu diria que se tornou uma rotina quase terapêutica,

Tudo começou há muitos anos, quando, até por razões profissionais foi necessário organizar ideias caóticas que surgiam em meio a uma atividade intensa em enfermarias de hospitais, e o melhor caminho que encontrei foi escrevê-las e assim poder ordená-las em minha mente.

Isso eu fiz durante anos, porém sempre relacionado ao meu trabalho: rotinas, terapêuticas, diagnósticos, problemas sociais e domésticos das pessoas com quem me envolvia profissionalmente. Com o passar do tempo adquiri certa desenvoltura e passei a escrever mais solto, digamos assim.

Um dia, já aposentado, subitamente afastado das atividades que, durante anos, compuseram meu dia a dia busquei um projeto que me injetasse novo entusiasmo, nova energia, comecei então a pôr no papel aquelas ideias que mais me dominavam a mente. Algo que substituísse uma rotina de toda uma vida.

Comecei a escrever para organizar a mente, e com o tempo dei-me conta de que certas ideias eram mais afetivas ou mais carregadas de emoção do que outras e dediquei-me a proceder com aquelas assim como faz um jardineiro com suas plantas, irrigá-las, livrá-las de inço (ideias parasitas, desprovidas de sentimento), fortificá-las com bons nutrientes (ler bons autores), e delas venho colhendo o que poderíamos chamar de minha inspiração.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Jaime Kopstein: Nahum, pela primeira vez, pode examiná-lo, ver-lhe o rosto, a pele rosada, olhos e o cabelinho negros como os de Emma. O bebê agora começara a chorar e desajeitadamente o devolveu a mãe. Sentaram-se num banco. Nahum tomou-lhe a mão e, quietos, começam ambos a chorar silenciosamente. E o nenê que ficara quieto voltou a chorar. Agora choram os três, então, riem-se ambos numa mistura de riso e choro. Finalmente acalmam-se.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Jaime Kopstein: Está disponível no Grupo Editorial Atlântico.

Quanto a mim e meu trabalho, você poderá encontrar alguns dados a meu respeito aqui e ali nas outras considerações que fiz acima.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Jaime Kopstein: O que um escritor em começo de carreira terá de útil para dizer a iniciantes?

Vejam: o que primeiro me vem à mente é o fato de que encontrar uma editora disposta a imprimir nossos livros está muito difícil. A concorrência é tremenda. O mundo editorial está absolutamente congestionado pela oferta crescente de obras literárias. Milhões de livros são oferecidos às editoras anualmente. No mercado editorial anglo-saxônico, por exemplo, apenas um livro é aceito para publicação a cada MIL enviados às editoras para avaliação!

Por isso está em voga a autopublicação. É muitas vezes o melhor ou único caminho para experimentar o prazer visual e tátil de segurar nosso livro físico finalizado, concretizado, nas mãos, contemplar-lhe a capa, folheá-lo, sentir seu cheiro de livro novo.

Ao longo dos anos observei com interesse duas variedades de candidatos a publicar seus livros, entre outras: Aqueles que sonham com glória, com a carreira brilhante de escritor famoso e aqueles que simplesmente não conseguem parar de escrever.

Destino este texto aos segundos que são aqueles com quem me identifico melhor.

Em primeiro lugar, a mais necessária atitude para alguém tornar-se escritor é... escrever. Sim, é necessário escrever, minha gente. Escrever é como qualquer outro exercício, há que estar-se “em forma”, isto é, requer treino. O grande Ray Bradbury, em seu livro “Zen in the Art of Writing” recomenda a escritores escrever pelo menos 1000 palavras por dia, TODOS OS DIAS.

Outro fator indispensável, concedido a poucos por Deus, é o talento. Se não há talento, sinto muito.

E como saber se há talento? Ora, o jeito é escrever e submeter a obra ao crivo de gente decente e inteligente. Cuidado com inveja, malícia, certos “especialistas” e certas empresas etc. No final é o público quem decide se há talento, é o público quem valida a tua obra... ou não. Mas, com o livro pronto e editado, como vês, resta o problema, hoje, de chegar até esse público.

Ao escrever é indispensável abrir o coração, portanto seja verdadeiro contigo mesmo, cuidado, somos às vezes hipócritas conosco mesmo. Martin Amis, o vitorioso e consagrado escritor britânico escreveu: “novelas devem ser produzidas em êxtase”. E é absolutamente verdadeiro. Chegarás ao coração dos outros, se falares a partir do teu coração.

Tens que gostar do teu livro, se não gostares dele, como esperar que outros gostem?

Há cursos e imensa literatura disponíveis para quem quer se preparar para escrever bem. Eu não acredito neles. Não que lhes falte qualidade, há sim trabalhos muito bons.

Entretanto se não houver talento, mesmo com imenso esforço e ajuda de cursos e literatura, o que o escritor desprovido de talento fará, será “mais” um livro a encher estantes. Claro, é inegável, cursos irão melhorar, e muito, tua técnica de escrita, mas ela sempre ficará ligeiramente aquém,... se não houver o indispensável talento. E aí vem uma advertência séria: a autoavaliação é muito difícil.

Há, como disse, uma literatura vasta sobre “técnica” e, ao examiná-la, encontrei três obras que se sobressaíram às demais, ao meu juízo. Valem a pena pela sua qualidade literária.

Ray Bradbury – ver acima, o título.

Sandra Newman et al – “How not to write a novel”. Este é outra joia, vale cada palavra.

A . L. Kennedy – On Writing. Este vale porque é ilustrativo e divertido, embora um pouco repetitivo.

Não encontrei traduções dessas obras. Compre um Oxford (dicionário) e vai lê-los, vale a pena o esforço. E abrirás para ti uma porta valiosa.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Jaime Kopstein: Sim, tenho, estou voltando a trabalhar no estilo de não ficção. É possível, aliás, que desta vez tenha embarcado em um projeto pretencioso, chegando mesmo, quem sabe, às raias do presunçoso. Mas o tempo dirá.

Venho “dando tratos à bola” a um tema contundente, atual, vago, mas incendiário e apaixonante: a divisão ideológica que hoje separa especialmente as populações do Mundo Ocidental em duas facções até beligerantes: conservadores e progressistas.

Aliás, não concordo completamente com essa nomenclatura, mas o que fazer?

Estou revisando muita bibliografia, obras como as de Marx, Hayek, Ayn Rand, Roger Scruton, Gramsci, e muitos outros. Associado a isso, aguarda nas prateleiras algo da farta literatura disponível sobre a “Psicologia da Política”.

Junto com essa pesquisa bibliográfica, venho delineando o esquema, a estrutura do livro que pretendo escrever e sobretudo aprimorando, tornando mais definido meu objetivo, ou seja, o de examinar as razões sociais e psicológicas que levam grupos enormes de indivíduos bem intencionados a divergir tão radicalmente (até violentamente) sobre a forma de sociedade em que acham que TODOS nós devemos viver.

Tenho consciência de que para fazê-lo da melhor maneira necessito livrar-me, pessoalmente, de vieses e preconceitos ideológicos que por ventura venha acumulando ao longo dos anos.

É um projeto de longo prazo que me induz a ler e meditar intensamente, o que é o meu objetivo atual no estágio que me encontro.

É projeto de bem longo prazo. Espero chegar lá.

Perguntas rápidas:

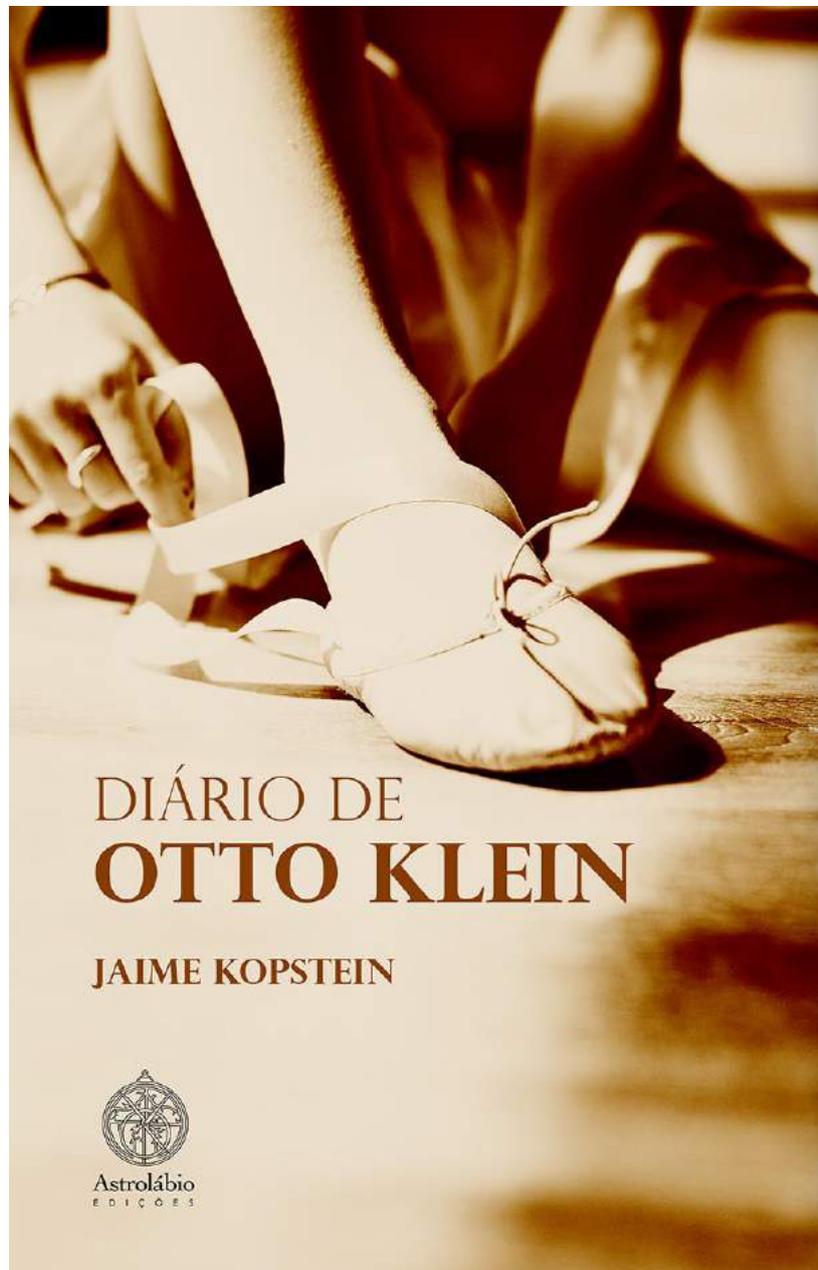
Um livro: Flor de Poemas - Cecília Meireles

Um ator ou atriz: Meryl Streep

Um filme: Casablanca

Um hobby: Antiguidades

Um dia especial: aquele em que meus netinhos me abraçam espontaneamente.



PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 60,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 60,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademirpascale@gmail.com



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademirpascale@gmail.com

ENTREVISTA

COM NSMORAES



NSMoraes

Naturalizada brasileira, Natalia foi circense por vinte anos da sua vida. Começou trabalhando aos cinco anos como artista mirim e passou pelos maiores circos do Brasil.

Após o fim da carreira de artista, lançou a sua primeira obra em meados de 2016 e desde então segue carreira de escritora. Hoje é conhecida pelos leitores como NSMoraes.

A autora escreve no gênero fantasia e aventura com pitadas quentes de romance e terror.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

NSMoraes: O grande estímulo para terminar de escrever a minha primeira obra foi saber que finalmente eu poderia publicá-la de forma totalmente independente. Agradeço à Amazon e sites como Clube de Autores por essa experiência. O início foi extremamente difícil. Eu era novata em tudo. Cometi muitos erros. Apesar das dificuldades, o lançamento foi divertido. As pessoas arregalavam os olhos ao saber que escrevi um livro. Ninguém esperava.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "O Jogo dos Zeros". Poderia comentar?

NSMoraes: Decidi sair um pouco da minha zona de conforto e escrevi um livro de não-ficção no estilo “relato autobiográfico”. Passei por muitos apertos pela falta de educação financeira – tanto nas escolas quanto em casa – e depois que algo muito específico aconteceu comigo (vão ter que ler para descobrir), percebi que era uma boa história para contar. E o tema coincidiu com o momento de “explosão” de investidores novos no Brasil. Tudo se encaixou perfeitamente. O livro conta com momentos emocionantes, divertidos e tensos. É para todos.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

NSMoraes: Música, roteiros (filmes e séries) e personalidades. É isso...rsrsr. É um pouco complicado falar do processo todo. As inspirações se entrelaçam e criam verdadeiros mundos. Personalidades se misturam em uma alquimia maluca e de repente eu tenho alguém em mente que não me deixa dormir. No dia seguinte eu *tenho* que escrever sobre ele ou ela. Geralmente as minhas histórias se originam de um personagem (personalidade) e não de um lugar ou acontecimento.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

NSMoraes: *A minha avó foi uma professora do ensino fundamental, e sobrevivente da guerra. O meu avô, como quase todos os homens da época, foi um militar e um veterano. Ambos tinham muitas histórias para contar e algumas vão ficar comigo para sempre; como quando, em plena guerra, a vó e as suas irmãs reviravam os lixos de “pessoas mais afortunadas” para juntar cascas de batata. Levavam o que encontravam para casa, lavavam bem lavadinho e fritavam. Desde então, quando faço uma batata assada com casca aqui em casa, lembro-me da minha avó. Quando ela me contou isso pela primeira vez, a minha reação não foi de tristeza, horror ou compaixão. Só me lembro de ter pensado: “Que ideia genial!”.*

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

NSMoraes: O melhor lugar para me encontrar é no meu site: www.nsmoraes.com.br
O Jogo dos Zeros foi lançado pela editora Flyve e o livro físico pode ser adquirido aqui: <https://flyve.com.br/product-detail/o-jogo-dos-zeros>
Também é possível ler o ebook no Kindle: <https://www.amazon.com.br/Jogo-dos-Zeros-NS-Moraes-ebook/dp/B09SGR4G4M>
Não uso redes sociais, mas tenho perfil no Skoob: <https://www.skoob.com.br/autor/21721-ns-moraes>. Caso queira entrar em contato, basta enviar um e-mail pela página de contato do site.



Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

NSMoraes: Divirta-se ao escrever. Viva e avida de escritor. O livro é uma obra de arte e também um produto, nunca se esqueça disso. As dificuldades não param, mas com experiência você vai conseguir lidar com elas de uma forma mais eficaz. Nunca espere pela inspiração. Escrever é um trabalho. Lembre todos os dias o motivo que te levou a escrever e não desista.

Conexão Literatura:

Existem novos projetos em pauta?

NSMoraes: Vários! Contudo, antes de iniciar qualquer outra coisa, preciso terminar o terceiro livro da trilogia “Segredos de um Reino sem Nome”. Essa é a minha prioridade.

Perguntas rápidas:

Um livro: O Conde de Monte Cristo.

Um ator ou atriz: Mads Mikkelsen em Hannibal.

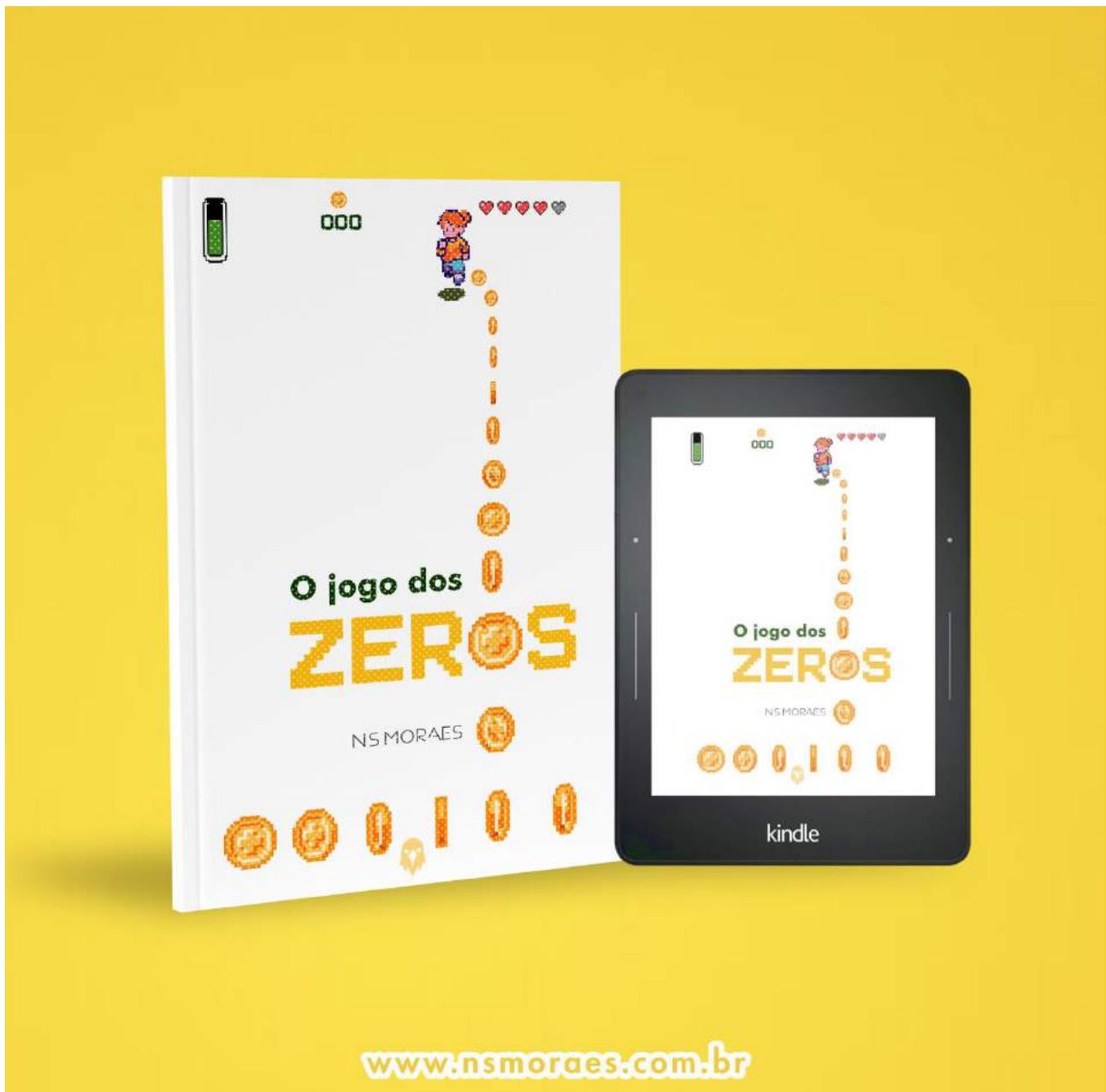
Um filme: Avatar de James Cameron.

Um hobby: Criar semi joias e costurar.

Um dia especial: O dia em que conheci o meu marido.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

NSMoraes: Gostaria de parabenizar a revista pela iniciativa e o trabalho que fazem. Desde o cuidado e o carinho até os preços que praticam demonstra o quanto a equipe está investida em ajudar o leitor a se conectar com o autor. A responsabilidade é como a de uma casamenteira. Uma vez que o leitor se apaixona pela obra de um autor, floresce um relacionamento duradouro.



ENTREVISTA

COM CRÍSTHOPHEM NÓBREGA



Crísthophem Nóbrega

Amante dos livros desde a infância na cidade de Bananeiras, no interior paraibano, atualmente o autor mora na capital do estado com o companheiro e suas duas gatas. Participou da Antologia Sentimentos Poéticos, pelo Editorial LN, da Antologia Serial Killers; a verdadeira face do mal pela Editora Lettre, da Coletânea Somos Um pela Editora Vargas, entre outras antologias. Lançou de forma independente os e-book's "Dez Mais Cinco", "Fagulhas de Sombra" e "Sorte de Natal", ambos disponíveis na Amazon. Além dos livros físicos; "Os Cinco Pilares" e Secretos Suspiros. O autor também presta serviços de consultoria literária e possui um curso para escritores iniciantes.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Crísthophem Nóbrega: Caramba! Sempre que penso em escrever e no meu início vem-me uma lembrança, sabe? Eu brincando de escrever em uma velha Olivetti cinza; inclusive recentemente ganhei uma de cor verde e quase surtei (risos). Eu sempre me cerquei de histórias, fossem as que ia lendo, a medida que minha curiosidade aumentava. Até mesmo aquelas que imaginava. Então escrever sempre veio muito natural, inclusive já escrevi sobre o ato em si. E neste texto, tratei de comparar a ação de escrever com a de respirar, sabe? (risos).



Conexão Literatura: Você é autor dos livros "Dez mais cinco; Os cinco pilares; Secretos suspiros e Fagulhas". Poderia comentar?

Crísthophem Nóbrega: Sim, meus bebês. Inclusive, além deles, tem outro e-book, que não posso deixar de falar. Ele foi lançado no natal passado, o Sorte de Natal. E se pegar para analisá-los, todos trazem pedaços de minha essência, no sentido de serem meio que marcos. Tem um texto em Secretos Suspiros, onde falo da ideia de ter uma “caixa” para guardar memórias. E os livros são meio que isto, relicários de palavras e pensamentos do escritor. É engraçado pensar como eles também são reveladores. A escrita e publicação

da Saga Por Trás do Véu, que tem Os cinco pilares, como primeiro volume, é, por exemplo, uma verdadeira saga (risos). Um aprendizado em tantos níveis e, ao mesmo tempo, fonte de tanto contentamento. Já com Dez mais Cinco e Fagulhas de Sombras, tenho às vezes um sentimento de débito, por isto que estou produzindo novas edições deles. Talvez venham inclusive versões físicas! E como eu já disse, escrever é como respirar, então, estou sempre com novas coisinhas se desenvolvendo. É aquilo né, o caldeirão nunca para de borbulhar.



Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Crísthophem Nóbrega: Bom, eu penso que a criação é constante. Tem sempre algo entorno que desperta a atenção. E minha mente logo usa isto como gatilho para uma cena, um cenário. Eu tô na fila da padaria, por exemplo, e vejo uma mulher em minha frente, ela tem uma tatuagem e isso já pode me ativar ideias para um personagem. Ou eu crio uma história para aquela mulher e a ponho em meu “acervo” de personagens (risos). Mas, no sentido de escrever em si, isto varia. Contudo, tento sempre me policiar para escrever nem que seja 30 minutos por dia, garantindo uma produção constante.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho de um dos seus livros especialmente para os nossos leitores?



Crísthophem Nóbrega: Nossa, pedir um trecho apenas é como prender a parede (risos). Alguns livros exploram a fantasia de forma mais livre e até mesmo sombria. Em outros já é identificável uma espécie de lirismo na formação dos textos. Mas tem dois trechinhos que sempre me vêm a mente:

“As sutilezas da vida, por vezes, são tão incrivelmente elaboradas que um espectador desatento pode nunca perceber nada; ou quando o faz, é exatamente no momento em que partiram. Deixando então uma sensação ácida de oportunidade desperdiçada – tal qual mordida em uma fruta bem madura, que por compostura boba se recusa. Fiapo entre os dentes, às vezes deixa a manga mais doce.”

e

“Quando chegou a passarela que ligava a saída norte do prédio da ordem ao seu dormitório. Eve parou durante alguns segundos, recostada na balaustrada de mármore cinzento. Os ventos de Alethea fustigando sua face, assanhando os curtíssimos cabelos loiros. Daquele ponto podia ver a principal praça comercial; humanos tocados, magos, mestiços, phelinos... Andando para todos os lados, fazendo compras, discutindo provavelmente as trivialidades de suas vidas. Ela não sabia exatamente o que lhe acometia, mas era uma espécie de nostalgia, como se todo aquele cenário estivesse para sofrer grandes transformações a qualquer momento.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir os seus livros e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Crísthophem Nóbrega: Então, todos os meus livros em versão e-book estão disponíveis no site da Amazon. E versões físicas de Os cinco Pilares e Segredos Suspiros, podem ser adquiridos diretamente comigo. Eu sou sempre bem ativo no instagram e agora no tiktok, então é só me seguir por lá: @autorcrisnobrega, sempre tem lives, posts, concursos, enfim, tô sempre presente e completamente aberto a conversas e pedidos, né (risos). Aproveito para já falar que se comentar que veio pela Conexão Literatura, o comprador ganha uma condição especial na compra dos livros.

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Crísthophem Nóbrega: Primeiro deixa eu vender meu peixe (risos), tenho um curso de escrita, principalmente voltado para quem está começando, disponível na hotmart e com o nome: ENTÃO VOCÊ QUER ESCREVER, fala comigo lá no direct do instagram que dou um super desconto para quem for pela Conexão Literatura. Mas, tem duas grandes coisas que eu quero falar: 1 - ESCREVA! Sinceramente é incontável a quantidade de pessoas que falam que sempre desejaram escrever, mas não sabem por onde começar. Então eu sempre falo, escreva. Preferencialmente todo dia. E 2 - APRENDA A

PESQUISAR, é sempre muito importante obter informações e referências a respeito de algo sobre o qual se pretende escrever.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Crísthophem Nóbrega: Sempre! Estou trabalhando em uma reedição do Dez Mais Cinco e de Fagulhas de Sombras, que devem sair até Outubro. No comecinho de 2023 O segundo livro da Saga Por Trás do Véu, sai, inclusive já vou dar a “exclusiva” e revelar que se chamará OS FILHOS DO CAOS. Sem falar de algumas antologias e projetos de escrita, mas não necessariamente livros que estão sendo desenvolvidos.

Perguntas rápidas:

Um livro: O nome do vento

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Sonhos eternos de uma noite sem lembrança

Um hobby: Artesanato

Um dia especial: 22 de outubro o ano se esconde, quando ganhei a primeira premiação literária.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Crísthophem Nóbrega: Sim, eu sempre falo que os livros são as asas da humanidade e gostaria que os escritores, principalmente os iniciantes percebessem que neste sentido, o papel deles é fazer a humanidade alçar voos cada vez maiores.



PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MAIS DE 200 MIL
LEITORES**

R\$ 150

Entre em contato:
e-mail: ademirpascale@gmail.com

revistaconexaoliteratura.com.br



ENTREVISTA

COM MARCOS GUIMARÃES



Marcos Guimarães

Nutricionista, especialista em abordagem multidisciplinar em oncologia, pesquisador, escritor e desenhista. Natural de São Luís. Em meio, a sua vida de pesquisas e consultório, escreve seus textos e faz ilustrações/lettering. Apaixonado por música, tecnologia e literatura. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira - AIBL, faz parte do Clube do Livro - MA e realiza trabalhos voluntários. Acredita que o trabalho voluntário é a melhor ferramenta de crescimento de uma sociedade. Autor de "Você é a Poesia de Alguém", além de participação em várias antologias.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Marcos Guimarães: Sempre gostei de ler e escrever para expressar meus sentimentos e pensamentos. Depois de alguns anos escrevendo de forma despretensiosa. Resolvi compartilhar com o mundo meus textos e sentimentos em forma de poesia.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Você é a poesia de alguém". Poderia comentar?

Marcos Guimarães: Você é a Poesia de Alguém – flores brotam das feridas abertas é uma coletânea de poemas sobre amadurecimento, amores e recomeço. Organizado em quatro partes e ilustrado por mim, o livro narra sobre histórias de amor que deram certo ou não. O livro conta com uma playlist, para expandir a experiência de leitura. Fico muito orgulhoso em falar que sou o responsável pela revisão, capa, ilustrações e projeto gráfico. O livro foi ganhador do III Prêmio Book Brasil, na Categoria Melhor Livro Narrativa Curta 2021.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

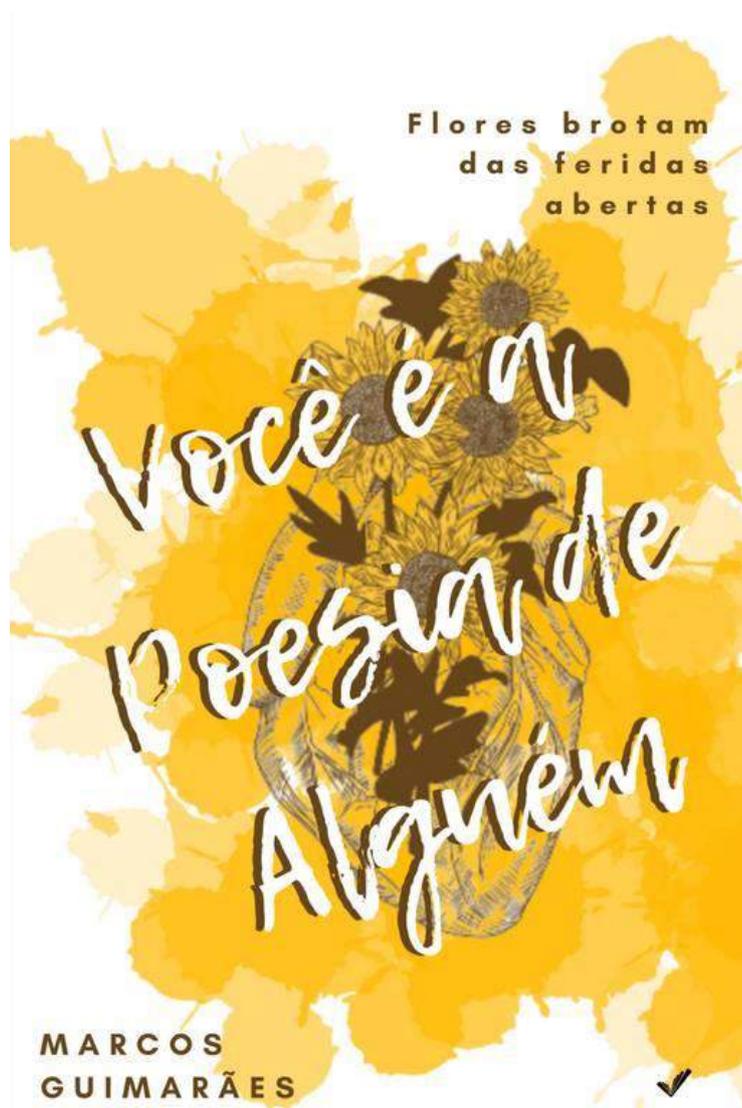
Marcos Guimarães: O processo criativo do livro durou 2 anos, muitos textos e poemas foram reescritos. Costumo dizer, que eles nem sempre tem um endereço ou precisam dizer sobre uma coisa só. Estudei, fiz várias leituras, busquei mais informações sobre publicação independente. Escrevi bastante, fiz novas ilustrações, organizei as ideias e revisei no final.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Marcos Guimarães: “E de repente, em um dia qualquer, você conhece alguém que, sem se dar conta e sem querer te faz sorrir. E que, chega a te compreender melhor que qualquer pessoa que te cerca. Senti conhecê-la de toda a vida, sendo que nunca vi, é como se fosse um motivo que te acompanhava enquanto você estivesse procurando, tentando encontrar uma razão pela qual valeria a pena lutar. E te encontrar. Estando você num lugar sem esperança, em um lugar inabitável. Pouco a pouco vai fazendo um eco em sua vida. Finalmente consegue. Abraça a maior parte do teu tempo e de seus pensamentos, criando raízes em lugares que onde você tocava um dia e sentia, um enorme vazio. Agora esse vazio está sendo cheio de vida. E você se pergunta: como uma pessoa que conheci por casualidade se transformou em uma pessoa que havia buscado toda minha vida? E aí, agora, você começa a acreditar no amor. Então, você se dá conta, que não é quem te

move o chão, sim, quem te centra. Que não é quem te rouba o coração, sim, quem te faz sentir que você tem um de volta.”

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?



Marcos Guimarães: Você é a Poesia de Alguém, está disponível na Amazon e Uiclap.

Amazon:
<https://amazon.com.br/dp/B0972CB9W3/>

Loja Uiclap:
<https://loja.uiclap.com/titulo/ua8167/>

Para saber mais sobre meu trabalho pode seguir o perfil no Instagram @marcosrodrigo95

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marcos Guimarães: Sim, o lançamento do meu segundo livro “Entre as Flores”, a participação em antologias e alguns projetos científicos.

Perguntas rápidas:

Um livro: O que eu faço com a saudade?

Um (a) autor (a): Daniel Bovolento

Um ator ou atriz: PP Krit

Um filme: Elvis & Anabelle: O Despertar de Um Amor

Um dia especial: O dia do lançamento do meu primeiro livro.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marcos Guimarães: Gostaria de agradecer pela receptividade e oportunidade de mostrar o meu trabalho. E aos escritores, não deixe de escrever por medo do que as pessoas vão pensar. Pelo contrário, escreva.

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM RENATA DE ALCÂNTARA STUANI



Renata de Alcântara Stuari

Renata Stuari é jornalista e trabalhou por mais de 20 anos na Imprensa em São Paulo. Depois mudou para Brasília e trabalhou no governo federal. Quando criança, manteve diários. Mas só começou a escrever poemas depois dos 40 anos. Já morou em Portugal e Peru e está de mudança para os EUA.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Renata de Alcântara Stuani: Eu sempre escrevi profissionalmente como jornalista. Quando parei de trabalhar, por questões familiares, passei a ter uma necessidade íntima de escrever ideias e imagens que foram se transformando em poemas. Participei de antologias que foram publicadas no Brasil e em Portugal. Mas ainda tenho dificuldade de me ver como escritora.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Melancolicamente". Poderia comentar?

Renata de Alcântara Stuani: O título do livro casa com a essência melancólica de alguns poemas, mas também com a atual circunstância do Brasil e do mundo. São cerca de 100 poemas que foram feitos ao longo de sete anos. Acho que o poeta é o escritor que atribui significado às coisas mais simples da realidade. Os textos do livro mostram que eu tenho várias vozes poéticas, algumas delicadas, outras violentas, como se fossem vários personagens. Tem alguns poemas concisos e outros mais longos. Acho que um bom poema deve ter uma dimensão estética e capacidade de emocionar.

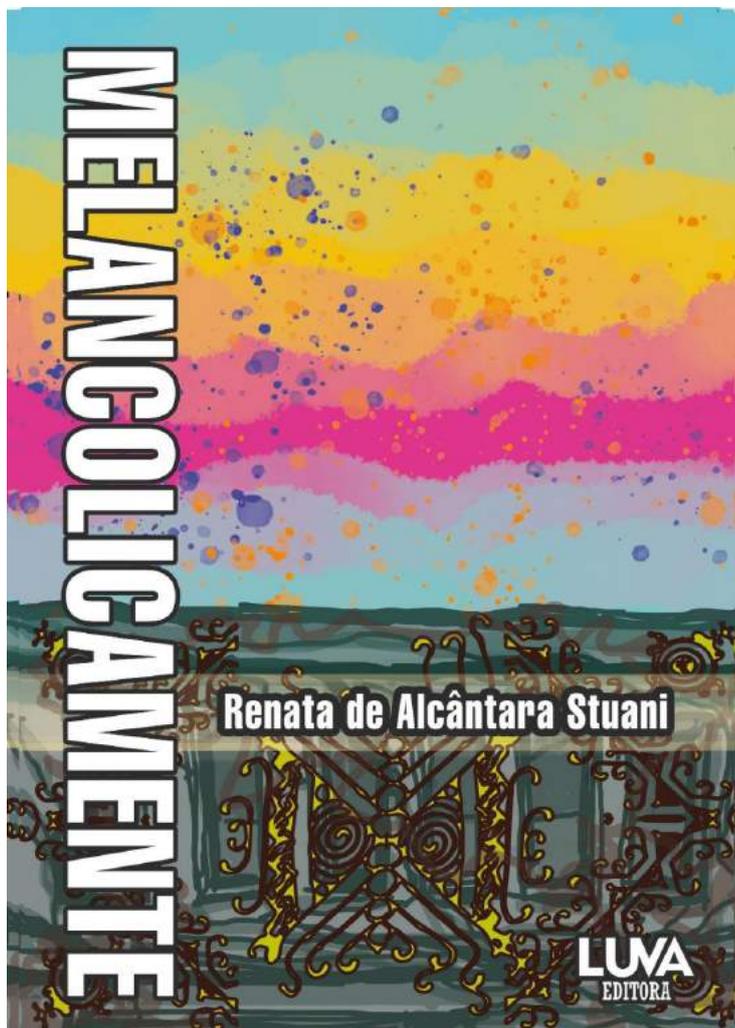
Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Renata de Alcântara Stuani: Comecei a compor poemas em 2015, quando morava em Lima, no Peru. Passei a ler bastante poesia só depois que comecei a escrever artisticamente. Mas não tinha certeza de publicar um dia. Em 2018, voltei para minha cidade, São Paulo. Quando estourou a crise do coronavírus eu achei que precisava salvar os poemas e que publicá-los seria a melhor maneira de fazer isso. Em 2021, conheci o Vitor Uchôa, editor da Luva Editora, e fomos nos comunicando on line. No segundo semestre de 2021 nós organizamos o livro, dividimos as seções e chamamos a artista brasileira Carolina Nery para fazer a arte da capa. No total, foram 6 meses trabalhando no livro em si, que ficou pronto em dezembro de 2021. E mais de 7 anos desde os primeiros poemas até ter o livro nas mãos.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Renata de Alcântara Stuani: Meus poemas são como filhos, difícil pra mim destacar um. O texto que abre o livro, Menina não realizada, foi o primeiro poema que escrevi. Os leitores comentam muito a crônica poética sobre o dia em que eu contei a meu pai que o músico dos Beatles, John Lennon, havia morrido. O texto mais difícil foi o 'Autismo, Vozes da Solidão': levou uns 5 anos para eu achar que estava em condições de publicar.

Eu quis fechar o livro com um poema de Natal que fiz em homenagem ao povo quéchua, com quem convivi no Peru.



Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Renata de Alcântara Stuani: Para adquirir o livro a pessoa precisa entrar em contato com a Luva Editora (<https://luvaeditora.com.br>) ou comigo mesma (instagram: renata.stuani).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Renata de Alcântara Stuani: Não sei se um dia vou publicar outro livro de poemas. Mas também tenho contos que estou pensando em publicar. Meus contos são estranhos e meio dark, como alguns dos poemas.”

Perguntas rápidas:

Um livro: Ciranda de Pedra, de Lygia Fagundes Telles (o primeiro livro adulto que eu li, aos 11 anos)

Um (a) autor (a): Cesar Vallejo, poeta peruano

Um ator ou atriz: Louis Garrel, ator francês

Um filme: Amadeus, do Milos Forman

Um dia especial: Quando nasceu minha filha, Lara

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Renata de Alcântara Stuani: Eu acho que toda mulher que escreve está fazendo política. Eu tenho consciência da dimensão política do ‘Melancolicamente’. As mulheres não votavam até o século 20 e não foram alfabetizadas durante séculos. Então acho muito legal que as mulheres estejam fortalecendo sua voz na literatura, especialmente na América Latina.

ENTREVISTA

COM ROBSON FELIX DE ALMEIDA



Robson Felix de Almeida

O publicitário Robson Felix de Almeida estreou com o primeiro livro da trilogia de autoficção **FLOR DE SAL - MEMÓRIAS DE UM HEDONISTA – Livro I**, em agosto de 2015. Em 2018 lançou, apenas em epub, uma pretenciosa compilação de textos românticos intitulada **LACRIMEJANDO, O GUIA DEFINITIVO DO AMOR**. Em fevereiro de 2019 é lançado por ele no Instagram o ambicioso **PROJETO PENSAMENTOS SOLTOS**, cuja premissa básica era a publicação de um conteúdo escrito por dia. A ideia central do **PROJETO PENSAMENTO SOLTOS**, segundo o próprio autor, era exercitar os músculos de sua criatividade, atrofiados ao longo do desgastante processo de publicação de seus dois livros anteriores, além de lhe permitir trabalhar a concisão das ideias ao obrigar-se a escrever nos ínfimos 2.220 caracteres disponíveis na legenda da famosa rede social de imagens do Facebook. Com textos curtos, enxutos e afiados, criados a partir de um universo linguístico variado, o **PROJETO PENSAMENTOS SOLTOS** foi, no segundo semestre de 2019, ampliado para outras plataformas digitais. Este projeto continua vivo até hoje em diversas plataformas e deu origem à antologia **QUARENTENA LITERÁRIA**, lançada em três volumes no segundo semestre de 2021, em plena pandemia da COVID-19, e agora disponível em uma luxuosa edição completa, impressa em capa dura e papel pólen.

Entrevista



Robson Felix de Almeida – Foto divulgação

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Robson Felix de Almeida: Nem eu sei, ao certo, mas vou tentar fazer este exercício agora: acredito que minha iniciação na literatura se deu pela leitura. Sempre gostei de ler, desde que aprendi a extrair sentido das letras. Não, talvez bem antes disso eu já gostasse de ler... só não sabia que o nome disso era literatura(risos).

Aos quatro anos minha mãe, percebendo meu desejo de ler, me deu um livro bem grosso de Castro Alves. A partir daí eu não parei mais. Leio de tudo. Sem pudores ou juízos de

valor... apenas leio. No banheiro, quando não há nada para ler, eu leio bulas de remédios, embalagens de pastas de dentes, rótulos (risos)... daí para a escrita foi um pulo. Mas, eu sempre tive pudores em mostrar o que escrevia. Eu me achava muito exposto em meus textos, quase nu. Com o tempo fui perdendo esse pudor e comecei a desejar ser lido. De qualquer forma, levei mais de dez anos burilando o manuscrito até publicar meu primeiro livro, por medo das críticas.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Quarentena Literária: Contos, Crônicas e Poesia; em tempos de caos e pandemia – Edição Completa". Poderia comentar?

Robson Felix de Almeida: No final de 2018 eu assumi que minha vida não era tão interessante a ponto de publicá-la nas redes sociais. A partir daí comecei um movimento interno de despersonalização. Eu queria publicar conteúdos que cada vez menos me expusessem fisicamente e em que meus dons artísticos ficassem na vitrine. Eu me lembro que comecei tirando fotos da cidade, numa tentativa de documentar a minha época, de me situar no mundo. Logo veio a ideia de publicar textos aleatórios, na forma de contos, crônicas ou poesias, ou qualquer outra forma de expressão escrita. Em algum momento eu me desafiei a publicar um texto por dia no Instagram (o lugar menos recomendado para isso, não acha?) ao longo de pelo menos um ano. Será que eu desistiria pelo caminho ou curtiria a jornada? Curti! Isso era início de 2019. Em março de 2020 surgiu a pandemia do COVID-19 e o meu projeto começou a fazer ainda mais sentido, já que não podíamos nem mesmo sair de casa. A esta altura eu já tinha mais de um ano de textos publicados diariamente. Relendo algumas publicações aleatórias percebi que alguns textos até tinham algum valor literário (risos). Claro que eu não havia produzido uma Mona Lisa por dia, não se tratava disso. Mas, peneirando aquele material bruto dava para lançar uma antologia. Assim nasceu Quarentena Literária: Contos, Crônicas e Poesia; em tempos de caos e pandemia.

Conexão Literatura: Como foram as suas pesquisas e quanto tempo levou para concluir seu livro?

Robson Felix de Almeida: Na realidade não houve pesquisa. O processo foi meio de curadoria, de avaliar o que era bom, razoável ou péssimo, indigno de ver a luz do dia. Essa foi a parte mais difícil. Eu tinha consciência de que muitas vezes eu publiquei algo que não estava pronto, pois esta era a proposta do projeto, uma certa urgência diária. Um texto por dia exigia de mim muita observação interna e urbana para que eu tivesse inspiração para escrever algo novo, diariamente. Passei a escrever no bloco de notas do celular. Muitas vezes havia apenas um insight, um lead, uma ideia para ser desenvolvida posteriormente, quando necessitasse publicar. Foi bem bacana este processo de caçar assunto, observar o meu cotidiano e os meus sentimentos, para que os textos desabrochassem.



Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho que você acha especial em seu livro?

Robson Felix de Almeida: Eu não saberia destacar um trecho... mas, devo dizer que eu tinha mais prazer em escrever contos e crônicas, do que poesia. Pessoalmente eu não gosto de poesia, acho piegas, mole, frágil (gargalhadas)... mas, a proposta era mesmo essa: exercitar as minhas dificuldades, sair da minha zona de conforto, através das diversas possibilidades literárias. Outra coisa engraçada é que na hora de organizar os conteúdos, muitas vezes eu não sabia dizer se aquele texto era um conto ou uma crônica. A própria academia deixa uma fronteira muito tênue sobre a definição destes dois estilos. Alguns dizem que é através do narrador que se faz a distinção, se é na primeira pessoa é crônica. Eu não concordo com esta definição, então passei a utilizar um critério próprio, individual: se dói é crônica.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Robson Felix de Almeida: Lancei Quarentena Literária exclusivamente pelo Clube de Autores, que é uma plataforma de autopublicação que eu já venho pesquisando há uns bons dez anos. Não lancei meu livro de estreia através deste processo, pois eu precisava experimentar o rito de passagem, ter uma noite de autógrafos, sentir o cheiro do meu próprio livro, essas coisas (risos). Mas, agora resolvi publicar em uma plataforma que só imprime o livro quando alguém o compra. E isso me deu a liberdade de infinitos ajustes e correções (todos os dias eu acho algo para “limpar”) e eu só preciso subir um arquivo PDF com esses ajustes que a próxima “edição” já estará atualizada. Todas essas facilidades tecnológicas me permitiu lançar uma edição completa em capa dura de Quarentena, com mais de 600 páginas, além de publicar esse calhamaço em volumes separados por estilo literário, Contos no Volume I, Crônicas no Volume II e Poesia no Volume III, para quem, como eu, tem lá suas preferências estilísticas (risos). Ah, todos esses volumes também estão disponíveis em versão digital (e-pub).

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Robson Felix de Almeida: Ah, sempre tem... não é? A mente de um autor não para nunca. Resta saber qual o projeto que terá força suficiente para ver a luz do dia. Atualmente estou trabalhando em um algo cujo nome provisório é: Na beira do sim. Esse título é inspirado em uma música da Luedji Luna, uma maravilhosa cantora do cenário nacional, que diz assim:

*Me lanço feito um kamikaze
Sou quase qualquer coisa conseguinte
Sou dona de um peito persistente
Um coração pedinte
Estou no limite de tudo
Ponto final
Última gota
Me equilíbrio na linha do infinito
Não sei se caio ou se fico
Sou dona de um peito apertado
Atado em desejos infintos
Motor de pernas e braços
Corro devagar
Porque meu tempo é outro
O que eu quero é logo
O que eu movo é lento
É a teimosia do não
E eu **na beira do sim***

Recentemente, em 17 de março, minha mãe fez sua passagem, aos 85 anos de idade. E eu, que nunca antes havia lidado com a morte, entrei em profunda negação. Não só porque eu não aceito a ideia de que a morte seja o fim de tudo, mas também pelos anos finais de

distanciamento por força da pandemia. Senti muito remorso pelas coisas não ditas, ou pelas coisas ditas apenas com intenção de ferir em um momento de extrema fragilidade daquela fortaleza que ela sempre simbolizou pra mim. E eu estou sentido a necessidade de colocar tudo isso pra fora, de lançar luz nesses lugares escuros dentro de mim, que a morte me possibilitou acessar.

Isabel Allende fez algo parecido, quando da morte da sua filha, algo infinitamente mais doloroso, por ser antinatural.

Meu desejo é escrever sobre o ponto de vista do filho, que eu fui até aqui, sobre a necessidade de crescimento diante da sombra da morte. Acho que eu estou pronto pra dar este salto... Na beira do sim.

Perguntas rápidas:

Um livro: Sou apaixonado pelos romances de formação como, por exemplo: O Estrangeiro, Demian, Crime e Castigo...

Um (a) autor (a): Só pode um? (risos) Se pudessem mais eu diria: Dostoiévski, Camus, Hesse, Bukowski, Murakami...

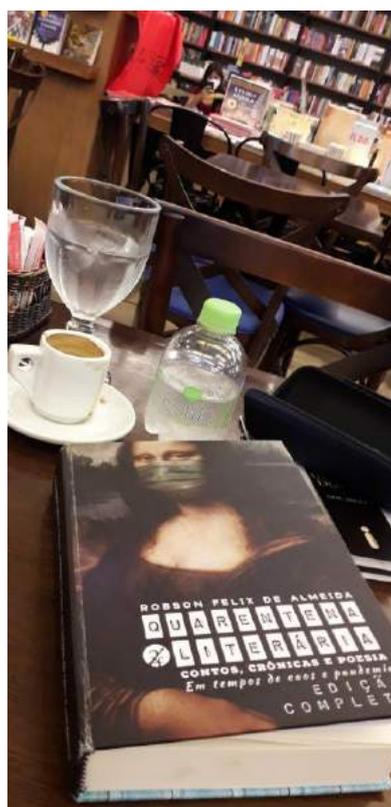
Um ator ou atriz: Anthony Hopkin, Leonardo DiCaprio, Brad Pitt...

Um filme: Com certeza Clube da Luta... foi a primeira vez que vi a esquizofrenia retratada na telona.

Um dia especial: Quinta-feira.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Robson Felix de Almeida: Não, só gostaria de agradecer à todos os editores da Revista Conexão Literatura por esta entrevista. Espero que seus leitores gostem.



AUTOESTIMA

Por Robson Felix de Almeida

Tentei
Grelina,
Leptina,
Insulina,
Tirosina,
Tubaína,
Aspirina,
Cocaína,
Cafeína,
Sacarina,
Nicotina,
Morfina,
Coristina,
Heparina,
Heroína,
Efedrina,
Novalgina,
Clozapina,
Spirulina,
Endorfina,
Penicilina,
Dopamina,
Epinefrina,
Fluoxetina,
Amoxilina,
Neosaldina,
Anfetamina,
Ranitidina,
Ampicilina,
Cimetidina,
Mioglobina
Serotonina,
Acetilcolina,
Sibutramina,
Aminofilina,
Ivermectina,
Azitromicina,
Noradrenalina,
Hidroxiclороquina...
Mas,
Nada
Levantou
Minha
Autoestima.



PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POESIAS *AO VENTO*

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM VALDELICE SANTOS



Valdelice Santos

Nasceu em 1982 na cidade de Jaboatão, Pernambuco, mas atualmente mora na Holanda. Amante da leitura desde a infância, inspira-se em seus escritores favoritos: Nicholas Sparks, Ken Follett e José de Alencar, sem mencionar os inúmeros bibliotecários que a ajudaram a descobrir tantos outros sonhos escondidos nas páginas de um bom livro. *Sonho ou realidade?* é sua primeira obra publicada.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Valdelice Santos: Então, desde quando aprendi a ler que sou apaixonada pela leitura, sempre estava lendo alguma obra. E também sempre amei escrever, ou seja, uma ótima combinação. Já escrevi três livros, mas o *Sonho ou Realidade?* é o primeiro que publiquei.

Conexão Literatura: Você é autora do livro "Sonho ou Realidade?". Poderia comentar?

Valdelice Santos: Sim, e obviamente morro de orgulho, amo a história, foi uma das maiores experiências da minha vida escrever esse livro.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Valdelice Santos: Eu já tinha essa história em mente por meses, quando decidi passar para o papel fiz tudo tão rápido que nem percebi o tempo passar. Amo livros de viagens e romances, então decidi unir os dois temas em um só livro. Uma das minhas inspirações foi o amor que tenho pela Itália.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Valdelice Santos: Sim, claro!

“Peguei o ônibus que iria me deixar na estação central de Milão, foi um passeio de quinze minutos, mas curti cada segundo, observar aquele clima italiano, foi relaxante mesmo em meio a agitação do trânsito, pude observar bastante, vi as mulheres lindas e bem elegantes atravessarem as ruas, rapazes orgulhosos em suas Vespas. As casas tão lindas com suas janelas enfeitadas com flores...”

Aqui Sophie está indo para outro destino de sua aventura na Itália.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Valdelice Santos: O livro está disponível pelas livrarias Coerência e também podem me contatar pelas redes sociais:

Facebook: valdelice santos Hartendorp

Instagram: Valdelice.santos16

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Valdelice Santos: A dica é simples: ler bastante e apenas escrevam, sem menor receio.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Valdelice Santos: Sim, sempre tem, nós que amamos escrever nunca paramos, estou ocupada com dois livros no momento, vou lançar um deles ainda esse ano.

Perguntas rápidas:

Um livro : O que estou lendo no momento: Amor e Gelato

Um ator ou atriz: Tom Hanks / Sandra Bullock

Um filme: Cartas para Julieta

Um hobby: Ler

Um dia especial: Dia do lançamento do meu livro 01.04.2022

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Valdelice Santos: Obrigada pela oportunidade de falar sobre minha grande paixão pela leitura e escrita. Espero que cada um que tenha a oportunidade de ler meu livro possa sentir a magia do amor da Sophie pelo Rodrigo.



ENTREVISTA

COM VICTOR GARCIA PRETO



Victor Garcia Preto

Nascido e criado em Ribeirão Preto-SP, com formação acadêmica em administração e ciências contábeis, atualmente atua em ambas as áreas. Paralelamente desenvolveu seu prazer pela escrita, e seu prazer por contar histórias, criando o perfil textosinceros, atualmente com perfil no Instagram, página no face e canal no YouTube. Também colaborador do portal "papisher". Sempre buscando variar as temáticas e estrutura narrativa.

Os Brasucas e Outras Aventuras é sua terceira publicação, o segundo livro físico.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Victor Garcia Preto: Eu sempre gostei do processo criativo. Desde criança gostava, porém, não era tão ligado a literatura. Lia poucos livros, na infância praticamente só li gibis e três ou quatro livros. Na adolescência continuei lendo pouco, mas já escrevia bastante. Na escola eu e alguns amigos fazíamos letras de rap ou espécie de paródias com os amigos.

Com o passar do tempo fui desenvolvendo poesias, tentativas de letras de músicas em outros estilos.



Com mais de vinte anos é que de forma natural decidi escrever um romance. Era uma história fantasiada de um grupo de amigos, que desde a adolescência autodenominados “Os Picuricos”, mas ainda não me via como um escritor profissional. Era apenas um hobby. Praticamente uma terapia.

Desde então busquei me aprimorar, escrevi com cada vez mais frequência e ambição de um dia ser lido por um número maior de pessoas. Foi então que entendi a necessidade de ler diariamente, e progredir na atividade.

Em 2016 criei o perfil no Instagram chamado “Textosinceros” publicando pequenos textos de minha autoria. Atualmente há canal no YouTube e página no face com o mesmo nome. Em 2019 publiquei um e-book na Amazon chamado “O Luau do

Silêncio” que se trata de um compilado de textos que escrevi em momentos diferentes da vida, com as mais diversas estruturas. De poemas a crônicas.

Em 2020 publiquei meu primeiro romance e meu primeiro livro físico, “Come-Fogo, o Maior Clássico – Era pra ser um ano comum”. E em 2022 o segundo livro físico.

Hoje escrever é uma necessidade, independentemente de ser lido ou não.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "Os Brasucas e outras aventuras". Poderia comentar?

Victor Garcia Preto: Se trata de um livro de contos. Em resumo, a ideia de contos se iniciou entre o final de 2019 e início de 2020. Nunca me imaginei escrevendo contos, em minha mente sempre idealizava longas histórias, sagas épicas. Porém a leitura, a imersão do universo da literatura me fez naturalmente aprimorar outras formas de escrever.

Admiro muito os contos de Machado de Assis, e me instigou a escrever contos. Obviamente não me julgo no mesmo nível, mas é interessante lembrar que foram suas obras primas que me despertaram o desejo dos contos.

Timidamente iniciei o processo de escrita. "A Modelo Perfeita" foi o primeiro conto do livro que iniciei a escrita e um dos últimos a finalizar. Quando a pandemia se iniciou, com mais tempo em casa, naturalmente meu processo criativo se desenvolveu. Algumas ideias pouco amadurecidas na mente se materializaram e em três meses escrevi 80% da obra.

São contos independentes um do outro. Não necessariamente seguem o mesmo tema ou conceito. O conto "Os Brasucas" (que escolhi para dar título a obra), é uma homenagem a vários escritores, obras literárias e figuras importantes do Brasil. Mistura realidade e fantasia. Os heróis "Picuricos" passam por uma jornada por todo o território do país, evidenciando a cultura, elementos geográficos, biomas, flora e fauna. Enfrentam inúmeros seres do folclore brasileiro, participam de tradições, da gastronomia dos mais diversos pontos do país.

Há também inspiração e homenagem a obra "Os Lusíadas" de Camões.

As demais obras possuem propostas diversas. Dos mais variados temas.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Victor Garcia Preto: Em geral cada texto tem uma inspiração específica. Creio que no geral surge de incômodos e brincadeiras. O incômodo quando há a sensação de que um tema precisa ser explorado. Um exemplo está no conto "Os Brasucas", onde uma das inspirações foi o desejo de junta um alto número de criaturas do folclore brasileiro no mesmo ambiente. Isso era incômodo, uma inquietação sanada após concluir a obra.

Mas muitas das histórias surgem mesmo como brincadeiras. Seja nos meus ciclos de amizade ou reflexões de algumas situações.

Escrevi o primeiro original do livro "Come-Fogo, O Maior Clássico" em 2015, a ideia surgiu de modo involuntário. Em um final de semana escrevi tudo. Hoje, analisando, sei que usei muito das minhas observações e vivências na temática, porém, quando escrevi foi tudo muito inconsciente.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Victor Garcia Preto: Vou destacar trecho do conto “A Modelo Perfeita”.

“Ter tudo que uma pessoa desejaria não torna ninguém feliz. Porque a gente não sabe o que deseja. No fundo eu trocaria tudo por outra vida. Onde as coisas fizessem sentido. Onde algo significasse algo especial. Poder olhar ao redor e sentir alguma relação sincera, alguém que me apoie sem pensar no status que terá por ter amizade com uma modelo. Um homem que um dia me passe um abraço sincero, sem fazê-lo só pra sentir meus seios”.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Victor Garcia Preto: Para saber mais sobre meu trabalho pode seguir o perfil no Instagram e o canal no YouTube, os dois estão como TEXTOSINCEROS.

Para adquirir o livro, pode entrar em contato direto comigo, pelo perfil no Instagram ou pelo site da editora: <https://www.editorafrutificando.com.br/os-brasucas-e-outras-aventuras>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Victor Garcia Preto: Pode parecer um clichê, mas ler é muito importante. Sofri as consequências de ler pouco no início. Além de sempre escrever e procurar melhorar. Buscar informações, novas técnicas de escritas, opiniões diferentes. A prática é muito importante.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Victor Garcia Preto: Existem. Alguns ainda estão muito no começo, para serem desenvolvidos a longo prazo. Mas a próxima obra está bem encaminhada. Será um romance.

Perguntas rápidas:

Um livro: Quarto de Despejo, de Carolina Maria de Jesus

Um ator ou atriz: Emma Stone

Um filme: Mal Nosso, de Samuel Gali, uma produção ribeirão-pretana de ótima qualidade.

Um hobby: Caminhadas e exercícios físicos.

Um dia especial: Para mencionar algo recente, o dia do lançamento do último livro, em maio de 2022, foi muito especial.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

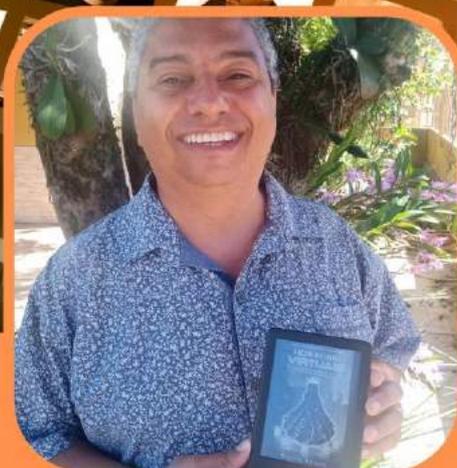
Victor Garcia Preto: Agradeço a oportunidade da entrevista. E desejo que a literatura no Brasil esteja cada vez mais forte. Que mais projetos de desenvolvimento da cultura sejam criados, abrindo mais oportunidades.



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM MARCELO MIRANDA



Marcelo Miranda

Jornalista multimídia. Escritor. Mestre em Comunicação. Especialista em Marketing Digital. Especialista em Memória do Brasil Contemporâneo e História. Graduando em Letras e Literatura. Neto de escrava e do sinhô, o dono dela. Pesquisador de Redes Sociais e da Doutrina dos Espíritos. Premiado no Projeto Motus - Movimento Literário Digital com o conto "..., e daí?". Selecionado na Antologia Obsessão com o conto "Obsessor Virtual". Prêmio Ari 2006 (Associação Riograndense de Imprensa) – Reportagem – A Vida em Comunidade. Trabalha na área de Marketing Digital – copywriting, SEO, marketing de conteúdo, blog post, escrita para web, comunicação institucional, empresarial e política, inbound marketing, relações com a mídia.

Siga-me: [marcelo.mirandanh](https://www.marcelo.mirandanh.com)

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Marcelo Miranda: Sempre gostei de escrever. A prova é que decidi ser jornalista, lá no início dos anos 80. Durante 34 anos contei e editei histórias, sob as várias versões verídicas, para a mídia. Voltei a estudar em 2006 e fiz pós-graduação. Concluí mestrado em 2010. Minha pesquisa foi sobre as Redes Sociais. No entanto, comecei na ficção só em 2018, abordando a mesma temática do mestrado. Nosso comportamento social agregado à Internet. Escrevi um livro, mas sem publicar. Só no ano passado participei, pela primeira vez, de um concurso de contos e fui selecionado. Tomei coragem. Em seguida concluí e publiquei o livro *O Mestre das Trevas Virtuais*.

Conexão Literatura: Você é autor do livro "*O Mestre das Trevas Virtuais*". Poderia comentar?

Marcelo Miranda: É uma história de ficção cheia de verdades. Está guardada nas profundezas sombrias do ciberespaço. Só vocês vão conhecer os detalhes, porque *O Mestre das Trevas Virtuais* resolveu contar com muito bom humor. A história começa em uma batalha digital. Segue para a origem dele e toda a saga até se transformar no Mestre Virtual. Sempre conectando três mundos. O final é surpreendente. Você jamais será o mesmo depois de conhecer *O Mestre Virtual*.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Marcelo Miranda: Este livro nasce inspirado na nossa realidade. Surge a partir das pesquisas já feitas e das observações nas redes sociais. A Internet é o mais veloz meio de comunicação da Terra. Hoje é o fluxo comunicacional de todas as outras mídias. E nossas vidas que já estavam alteradas pelo Mundo Virtual se transformaram ainda mais com a pandemia. Modificamos a nossa forma de pensar, fazer amigos, namorar, casar, trabalhar, nos tornar famosos, aproveitar o lazer, formar comunidades, fazer compras, vender, ler, estudar, jogar, escrever, educar os filhos, nos comunicar, cuidar da saúde, nos comportar. Praticamente tudo. Só que a humanidade, ao se apropriar desta dimensão tecnológica, espalhou criminalidade, discriminação, fake news e toda a sua versão mais obscura. Levei tudo isso para um mundo de fantasia, sempre baseado na realidade.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

O MESTRE DAS TREVAS VIRTUAIS

Minhas ações têm a velocidade da Internet. É com esta agilidade que, neste momento, preciso tomar uma decisão. Estou volitando em círculos e disparando raios destruidores

em três direções para atingir grupos diferentes de inimigos. Minha auréola em forma de estrela tem, em cada uma das sete pontas, dispositivos móveis de alta tecnologia, girando, obedecendo meus comandos mentais e vibrando ondas trevas de contra-ataque.

Eu sou Daemon. O Mestre das Trevas no Mundo Virtual.

Sabe qual é a magia que os trevosos usam para vampirizar mentes? É desta forma. Exatamente como estou invadindo teus pensamentos neste momento. Esta é uma história secreta. Guardada nas profundezas sombrias do ciberespaço. E só você vai conhecer os detalhes, porque eu decidi contar. Mas não esqueça: estou farto de traidores. Vou lhe revelar segredos digitais macabros que as trevas virtuais guardavam a sete nuvens carregadas.

Eu sou perseguido por um anjo sem asas, sem graça e sem noção. De cara, já se atravessou e contou para você o meu grande segredo. Sim, eu a amo. Mas nas trevas não existe amor. É proibido se apaixonar. Ninguém pode suspeitar que nunca deixei de amá-la. De que forma eu escondi isto de todos os trevosos? Está ficando curioso, né? Calma. É apenas o começo desta história.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marcelo Miranda: O livro digital está na Amazon. É só escrever no Google: **O Mestre das Trevas Virtuais.**

Ou no link:

<https://www.amazon.com.br/Mestre-das-Trevas-Virtuais-ebook/dp/B09DXQ72FW>

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Marcelo Miranda: Todo novo texto é sempre o início, como se fosse o primeiro. Não existem fórmulas. Existem disciplina, esforço, persistência, fé raciocinada. Escrever é o exercício diário do caráter.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marcelo Miranda: Não paramos nunca de pensar. Sempre há projetos. Está no prelo outro livro: Espíritos na Internet. Aguardem.

Perguntas rápidas:

Um livro: Adoro histórias bem contadas.

Um ator ou atriz: Todos os que têm a arte na alma.

Um filme: Todos os roteiros de prender o fôlego e que não deixam a gente tirar o olho da tela.

Um hobby: Escrever.

Um dia especial: Três dias: o nascimento dos meus três filhos.

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marcelo Miranda: O ontem já foi. O amanhã a gente não sabe o que será. Viva o hoje intensamente.



● REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ENTREVISTA

COM MARCELA MAZZILLI FASSY



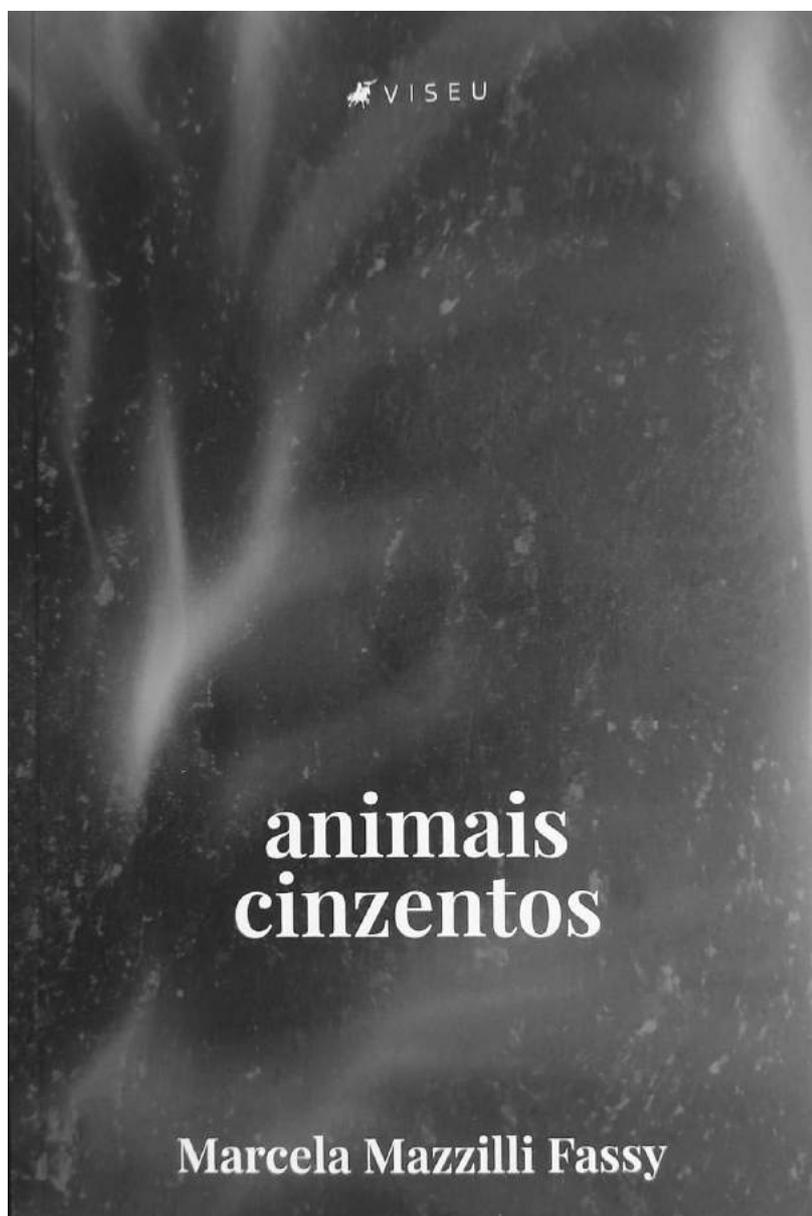
Marcela Mazzilli Fassy

Natural de Belo Horizonte, graduada em História pela UFMG e atualmente reside em Diamantina-MG. É autora do livro *Animais Cinzentos* (Editora Viseu, 2021), que traz contos sombrios/terror. Possui diversos contos publicados em antologias, entre elas a antologia *Criaturas Assustadoras* (Revista Conexão Literatura, 2022). Tem como principais referências a literatura fantástica latino-americana e os contos de Edgar Allan Poe.

Entrevista

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Marcela Mazzilli Fassy: Escrever é uma coisa que eu faço desde criança; gostava de escrever histórias e fazer as ilustrações. Nunca deixei de escrever, mas faltava decisão suficiente para publicar. Em 2019, um amigo que sabia que eu gostava de escrever me encomendou um conto para a antologia Um certo Rosário (Sempre-Viva Editorial); eu escrevi um conto inspirado no Pierre Menard de Borges, com uma pegada de romance policial e um toque sombrio. A partir daí, resolvi me assumir como escritora; comecei a escrever de forma mais consistente, mais disciplinada. Daí veio o livro Animais Cinzentos (Editora Viseu), uma coletânea de contos com um pé na literatura fantástica e outro no terror. Desde então, sigo escrevendo e me dedicando a novos projetos literários.



Conexão Literatura: Você é autora do livro "Animais cinzentos". Poderia comentar?

Marcela Mazzilli Fassy: Animais Cinzentos é uma coletânea de contos que têm em comum o elemento sombrio, cinzento: a dúvida, a complexidade e a contradição como constantes da condição humana. Então, ao longo do conto surgem vários animais não humanos, que são ao mesmo tempo personagens e metáforas das angústias do animal humano. Como eu gosto muito de gatos, dei um destaque para os felinos, incluí até um gato que se alimenta de sangue, o Senhor Mistoffelees. O elemento sobrenatural, o macabro presente nos contos estão muito ligados às minhas influências (Edgar Allan Poe, Shirley Jackson, o cinema de terror e suspense, Vincent Price, Hitchcock), mas funcionam

também para dar uma carga visual e uma estética para o terror inerente à vida cotidiana e à psique humana (a psicanálise, junto com a literatura, é uma das minhas paixões, e os contos trazem muito do viés psicanalítico). Outra influência incontornável pra minha escrita é a literatura fantástica, os autores latino-americanos (Silvina Ocampo, Borges, Cortázar). O fantástico é para mim uma forma de liberdade, de resistência, uma chave mais fecunda pra se enxergar o mundo.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Marcela Mazzilli Fassy: Eu me inspiro em situações cotidianas, vividas por mim, por pessoas que eu conheço; situações reais, prosaicas, mas que por algum motivo me fisgam, me inquietam, me incomodam ou me assombam. Histórias e situações que me fazem pensar sobre a vida, que me despertam ideias originais, por assim dizer. Daí eu combino essas histórias com elementos fantásticos, sobrenaturais, enfeito a realidade com um pouco de imaginação. Isso me diverte.

O meu processo de criação consiste em anotar essas ideias que me vêm, deixo elas descansando por uns dias, marinando, tomando corpo. Algumas eu simplesmente descarto, outras tomam forma: aí me vem o estilo do conto, a voz, o tipo de narrador, etc. Aí é sentar, escrever, reescrever, reler, cortar, escrever de novo. Não ter preguiça de ficar às vezes horas procurando uma palavra. Quando eu estou escrevendo, só existem duas coisas no mundo, eu e o texto. Nada mais importa. É cansativo, porque é um trabalho como qualquer outro, mas ao mesmo tempo é relaxante e libertador: poder durante aquele tempo desconsiderar todas as coisas do mundo, deixar o texto existir e nada mais.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Marcela Mazzilli Fassy: “Vendi minha alma ao Diabo no dia 29 de fevereiro de 2011. A transação foi simples; não me exigiu nenhum esforço em particular exceto a colocação de um anúncio nos classificados. Não que eu acreditasse na existência do demônio, ou mesmo da alma – para meu infortúnio, não sou dessas pessoas capazes de acreditar em algo só porque lhes convém.” Trecho do conto A desalmada, que faz parte do livro Animais Cinzentos

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deverá proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Marcela Mazzilli Fassy: Animais Cinzentos está disponível no site da Editora Viseu (<https://www.editoraviseu.com.br/animais-cinzentos-prod.html>) e em diversas livrarias, como a Amazon (<https://www.amazon.com.br/Animais-cinzentos-Marcela-Mazzilli-Fassy/dp/6525402255>), nos formatos impresso e E-book. O leitor também pode adquirir

seu exemplar diretamente comigo, me mandando um e-mail ou direct no Instagram (e-mail: marcelafassy@hotmail.com/ Instagram: <https://www.instagram.com/marcelafassy/>)

No meu perfil do Instagram (<https://www.instagram.com/marcelafassy/>) o leitor pode conhecer um pouco mais sobre o meu trabalho, novos projetos e dicas literárias.

Além disso, alguns contos inéditos podem ser lidos na antologia Criaturas Assustadoras, da Revista Conexão Literatura (<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/2022/05/ja-esta-disponivel-o-e-book-criaturas.html>) e na antologia Amor Fatal, da Editora Carnage (<https://loja.uiclap.com/titulo/ua18188/>)

Conexão Literatura: Quais dicas daria para os autores em início de carreira?

Marcela Mazzilli Fassy: A única dica possível é: escreva! Escreva sem medo de escrever e de dizer ao mundo que você escreve. Eu durante muito tempo tive vergonha de dizer pras pessoas que eu escrevia, como se fosse assim, um defeito de nascença. Então a primeira coisa é perder a vergonha. Depois é escrever, reler e reescrever sem parar, incansavelmente. É claro, tem que ter autocrítica: a gente muitas vezes escreve coisas ruins, que não merecem ser publicadas. O autor deve ser o seu primeiro e mais severo crítico.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Marcela Mazzilli Fassy: Sim, estou na reta final do meu segundo livro, que vai se chamar Oniros. São contos que surgiram a partir de sonhos, próprios ou relatados por amigos e conhecidos. Contos que têm em comum com Animais Cinzentos a pegada sombria, alguns elementos macabros e a influência da psicanálise e da literatura fantástica.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Fúria, Silvina Ocampo

Um ator ou atriz: Bette Davis

Um filme: Rebecca, a Mulher Inesquecível (Hitchcock, 1940)

Um hobby: Desenhar e rabiscar coisas

Um dia especial: Aqueles em que a gente consegue ser leve, apesar das misérias cotidianas

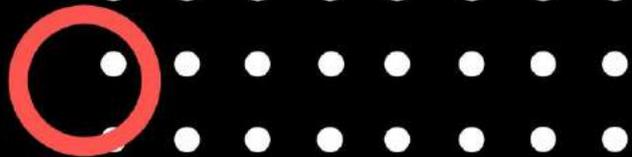
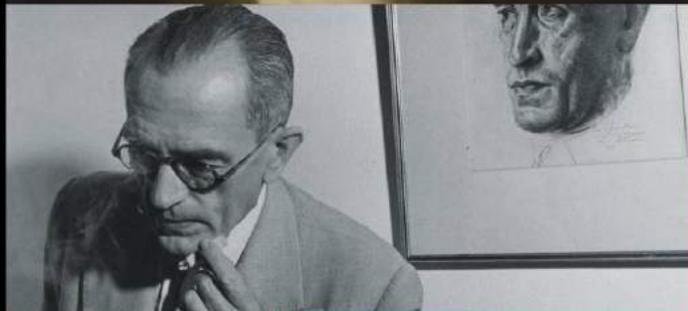
Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Marcela Mazzilli Fassy: Apenas agradecer a Revista Conexão Literatura pelo trabalho cuidadoso e dedicado, que abre caminhos para os novos autores e para que nossos textos cheguem até as pessoas.

• • • • •
• • • • •

CITAÇÕES DE GRANDES AUTORES

Todos os meses na
Revista Conexão Literatura



CLARICE LISPECTOR

Que ninguém se engane,
só se consegue a
simplicidade através de
muito trabalho.



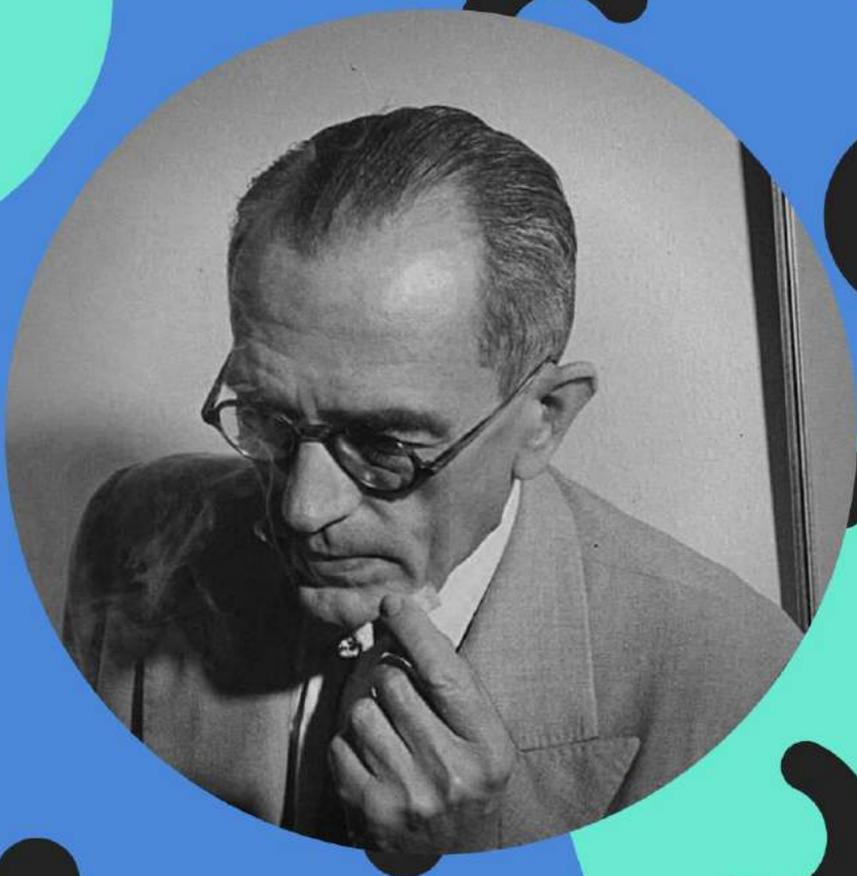
FERNANDO PESSOA

Às vezes ouço passar o vento; e só de ouvir o vento passar, vale a pena ter nascido.



GRACILIANO RAMOS

Quando se quer bem a uma pessoa a presença dela conforta. Só a presença, não é necessário mais nada.



CONTOS FANTÁSTICOS

UMA OBRA DO AUTOR

Roberto Fiori



DIGITAL E IMPRESSO

saiba mais: clique aqui

incentivo à leitura



Até Minhas Pétalas Caírem

CONTO

"Fui uma flor ceifada do jardim da vida aos vinte e três anos. Eu estava no ápice de meu tímido esplendor. Queria ser uma estrela de cinema e brilhar na constelação das telas! Mas meu trajeto foi interrompido."

ROBERTO SCHIMA

Conto

Ei, você! Sim, *voce* mesmo. Pare um instante. Ouça-me...

Eu era uma flor em um vasto jardim até ser colhida e despetalada.

Meus cabelos esvoaçavam ao vento assim como a relva submete-se à brisa.

Eu tinha um sorriso que encantava as pessoas e minha voz fazia lembrar notas musicais.

Não, não vou contar-lhe uma história recheada de sexo e violência sobre os meandros sórdidos de Hollywood. Sinto muito. Se é isso o que procura, chamei a pessoa errada. E se eu alerto já no princípio é porque não pretendo enganá-lo e, tampouco, magoá-lo. Se busca mistério, sim, existe um triste mistério que perdura há mais de setenta anos. Mas não serei eu quem, aqui, irei revelá-lo. As pessoas que deveriam fazê-lo mostraram-se inaptas e o que restou de mim foi explorado por uma imprensa asquerosa numa voracidade e sensacionalismo quase à altura do sadismo de meu algoz. Ah, como eu poderia imaginar? As pessoas aparentemente normais podem ser tão insensíveis e infames quanto o pior dos psicopatas.

Chamava-me Elizabeth. Meu nome originou-se do hebraico e significa "Deus é abundância".

Ele sempre esteve ao meu lado, embora nem sempre eu O ouvisse ou correspondesse. Não sei se estarei sendo completamente justa ao atribuir isso a minha juventude ou àquilo que me rodeava.

Fui uma flor ceifada do jardim da vida aos vinte e três anos. Eu estava no ápice de meu tímido esplendor. Queria ser uma estrela de cinema e brilhar na constelação das telas! Mas meu trajeto foi interrompido. Não levaram somente o meu corpo. Roubaram-me os sonhos, a dignidade, a alegria de viver, a minha voz, o meu futuro e, quero crer, um pedaço da alma daqueles que me conheceram e me amaram. Acreditem-me, também os amei. Contudo, sei que sabem disso, pois agora, passado tanto tempo e por diferentes rumos da vida, estão aqui comigo, ao meu lado. O calor de suas presenças me aquece. As recordações de nossos momentos confortam-me e ofuscam as grandiosas ambições de uma menina que, tal qual astro no firmamento, desejava cintilar e imortalizar meu nome. Atravessei o país inteiro atrás de uma ilusão. Ah, se na ocasião eu tivesse maturidade o suficiente para compreender que o brilho maior estava nos corações daqueles que deixei!

Desde pequena, eu admirava os atores e atrizes de cinema: Ingrid Bergman, Gary Cooper, Teresa Wright, Cary Grant, Gene Tierney, James Stewart, Lauren Bacall, Henry Fonda, Rita Hayworth, Joseph Cotten, Katharine Hepburn, Chaplin e tantos outros. Era a época dourada de Hollywood. Os filmes noir. As mulheres exalavam exuberância não somente em beleza e elegância, mas em talento, atributo cada vez mais raro.

Ah, Vivien Leigh e Robert Taylor em *Waterloo Bridge*! Ela que já fora maravilhosa em *Gone with the Wind* atingiu a plena maturidade ao som de *Auld Lang Syne* e no irremediável e voluntário distanciamento de Myra de seu grande amor.

Gilda.

Casablanca.

The Great Dictator.

Leave Her to Heaven.

Os roteiros. Os figurinos. As orquestras. Dramas, intrigas, paixões. Ah, tantos e tantos filmes maravilhosos!

Ao menos vivi para assistir esses filmes e sonhar sobre como seria estar sob os holofotes, trazendo um mundo de fantasia para perto da realidade. As pessoas daquela época mereciam, pois ainda era próxima a dor da perda causada nos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial. Todos queriam a ilusão, o sonho, o paraíso dourado. Queriam voltar a sorrir e ser felizes. E eu almejava tanto fazer parte disso!

Cruzei meu país de costa a costa. Fui para a cidade dos anjos e arranjei serviço de garçomete. Sabe o quanto significava aos olhos de uma mocinha como eu estar tão próxima dos estúdios? Sim, dispunha-me a tudo para conseguir uma oportunidade. Só não podia imaginar o quanto esse "tudo" significaria...

Uma alma negra, dotada de ilimitada crueldade e covardia, capturou-me num fatídico dia de 1947. Amarrou-me. Torturou-me. Submeteu-me a barbaridades tais que não ousa lembrar por menos que consiga esquecer. Transformou cada minuto em uma eternidade de sofrimento, humilhação e dor. Por fim, assassinou-me como a um animal no matadouro. Depois, seccionou meu corpo, limpou-o e deixou-o intencionalmente exposto em um terreno baldio - monstruosa e despidamente exposto à doentia volúpia do populacho. Logo eu que, não obstante os sonhos, cedia ao nervosismo e lutava contra a timidez só de pensar em subir num palco e decorar as falas.

Naqueles dias, os anjos se calaram e viraram-me as costas.

E o jardim da mocidade perdeu uma de suas flores.

Contudo, não houve nervosismo ou timidez por parte dos jornais. Repórteres e fotógrafos, tão sequiosos por sensacionalismo quanto deleitavam-se em relação aos escândalos do mundo do cinema, fartaram-se sobre meu cadáver feito abutres de chapéu.

As autoridades nunca encontraram o culpado.

Eu sei quem foi.

A essa altura, a besta encontra-se ardendo nas chamas do inferno, e assim o será até a eternidade findar. Imagino seus gritos como músicas ao raiar da alvorada. Isso me conforta.

Minha tragédia foi explorada através das décadas de todas as formas: manchetes, filmes, músicas, livros e, mais recentemente - pasmem os mais sensíveis -, até em jogos.

Como puderam? Não fui somente um monte de carne despido, imolado e mutilado, largado ao deus-dará como nacos pendurados num açougue! Não fui apenas um caso policial, um número, uma ficha amarelada com o carimbo de "arquivado". Fui gente!

Eu gostaria que você e as demais pessoas pensassem em mim como um ser humano, alguém que cresceu no seio de uma família, brincou quando criança, teve seus momentos de tristeza, gostava de cachorro-quente e refrigerante, frequentava o cinema, olhava para as nuvens e via figuras desenhadas nelas.

Eu fui gente!

Poderia ter sido sua filha, sua irmã, sua prima, sua amiga, alguém de quem você sentisse carinho e se importasse. Poderíamos ter conversado, compartilhado risadas, cochichado nossos segredos e aspirações.

Eu pensei.

Existi.

Ri.

Fui arrastada para uma provação que jamais desejaria que você ou os seus passassem.

Quero acreditar que houve algum sentido nisso, uma finalidade, um alerta para outras jovens inocentes que gostariam de trilhar o caminho do sucesso na calçada da fama.

Acautelem-se, florzinhas!

Espero que Deus reserve toda a abundância de Seu amor a todas as jovens do mundo.

Costumavam dizer para mim na adolescência: "Você é tão bonita com esses seus olhos claros e sinceros, os cabelos volumosos e cacheados sempre tão perfumados. Parece uma estrela de cinema!"

Às vezes, as luzes da ribalta podem terminar em um porão escuro, imundo e fétido, privado de todo som, de todo encanto e de toda luz.

Que tal horror jamais lhes aconteça.

Que seus botões floresçam no colorido dos jardins.

Respiro fundo, emocionada: astros e estrelas de outrora sorriem ao meu redor. Abraçam-me.

Por fim, e por uma dessas ironias da vida - às vezes terríveis em sua frieza -, no final das contas, tornei-me na morte a celebridade que almejava em vida.

Obrigada por você doar parte de seu tempo e me ouvir.

Acredito haver chamado a pessoa certa.

Tenha uma vida longa e feliz.

Sincera e simplesmente,

Dablia

NOTA DO AUTOR: Em memória à Senhorita Short. Publicado originalmente na antologia "O Caso Dália Negra", organizada pela escritora Natália Luna, e publicada pela Dark Books, 2020.

ROBERTO SCHIMA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação a "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os *pockets* da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela

história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). Escrevi: *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono* etc. Participei de cento e cinquenta e quatro antologias até o momento. Contato: rschima@bol.com.br. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<http://www.revistaconexaoliteratura.com.br/search?q=schima>

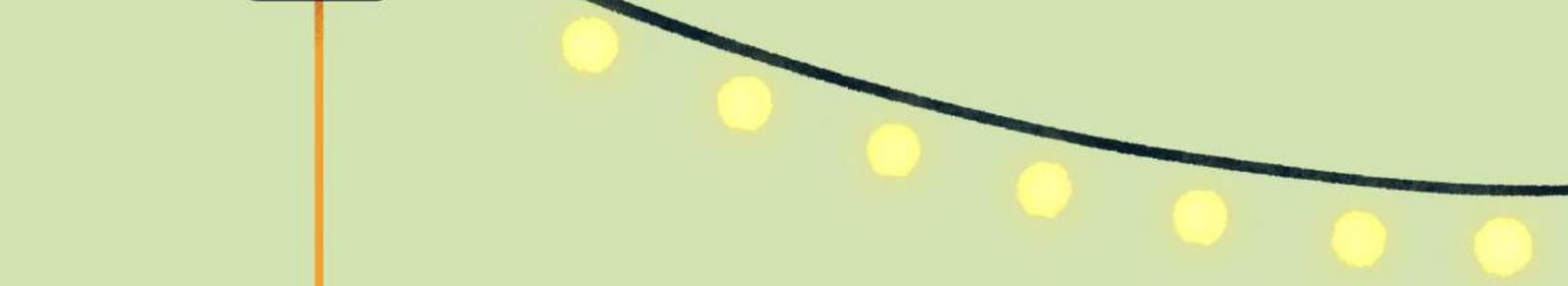
https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22&__mk_pt_BR=%C3%85M%C3%85%C5%BD%C3%95%C3%91&ref=nb_sb_noss

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

<https://loja.uiclapp.com/autor/roberto-schima/>

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>





REVISTA CONEXÃO LITERATURA

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

Acesse o nosso site e redes sociais e fique por dentro do que acontece no mundo dos livros

 @conexaoliteratura

 @revistaconexaoliteratura



www.revistaconexaoliteratura.com.br

incentivo à leitura

Apartamento 302

CONTO

"Juliano e Kátia nunca tiveram nada em comum além de serem extremamente competitivos. Talvez esse seja o único fator que os uniu por tanto tempo, além da fotografia."

GILSON SALOMÃO PESSÔA

Conto

Juliano e Kátia nunca tiveram nada em comum além de serem extremamente competitivos. Talvez esse seja o único fator que os uniu por tanto tempo, além da fotografia. Desde jovens eles disputavam notas nas provas, jogos de tabuleiro, videogames, esportes, tudo era motivo para que eles dessem tudo de si para superar o outro. Quando namoravam disputavam o melhor presente no dia dos namorados e até quem chegou primeiro ao altar no dia do casamento.

Kátia é uma excelente fotógrafa, o que é uma óbvia desvantagem para o seu cônjuge. Todo dia ela posta uma foto no Instagram com a hashtag #fazmelhorjuliano, que já gerou times rivais e muita discussão. No final ele era sempre obrigado a amargar a sua derrota. Chegou até a ficar deprimido por um bom tempo. Cada dia ela mesmo se superava tornando a vitória cada vez mais distante. Ele procurava novos ângulos, cores, luzes, temas, mas ela sempre arrumava um jeito de vencer indubitavelmente. Nem as extensas aulas nem a prática constante o fizeram superar sua nêmesis, até o inusitado bater em sua porta.

Estava na praça em frente ao seu prédio certa manhã ajustando o zoom de sua lente quando percebeu uma movimentação estranha no hall do seu prédio. Um loiro de cabelo escovinha e óculos escuros sacou uma arma e meteu uma bala na testa de um certo professor de Geografia que estava em lugar e hora errados. Não perdeu tempo e registrou todo o assassinato em uma bateria de fotos, desde que a bala saiu do cano do revólver. No momento ele não percebeu o risco que estava correndo, pois estava muito empolgado com a oportunidade que havia sido apresentada a ele. Nem quando postou com a hashtag #finalmentekatia. Escolheu uma foto onde a bala estava no meio da sua trajetória, captando o olhar de pavor da vítima que não fazia a mínima ideia do que estava acontecendo. Mal sabia ele que seu pesadelo estava apenas começando.

As curtidas em sua foto foram crescendo e ele ficou muito empolgado. Finalmente tinha chegado o seu dia!!! O telefone tocou. Era Kátia. Ele deixou tocar por um tempo, para “saborear” a vitória e depois atendeu casualmente, bem irônico:

— Pois não?

— Seu burro! Você faz ideia do que você postou?

— Só a vitória plena, depois de tantas derrotas. Agora você conhece o gostinho da derrota, né? Olha como as curtidas só crescem! Parecem um manto me cobrindo de glórias!

— E a que custo, hein sua besta? Você não faz ideia do perigo que está correndo!

— Por quê? É impossível reconhecer o cara. A vítima muito menos.

— Alguém conhece esse cara que morreu. E quem matou vai querer apagar as evidências. Você nunca viu filme ou leu romance policial? É a trama mais batida que existe.

— É impossível chegar até mim.

— Eu que não vou ficar perto para ver. Você foi avisado. Tira essa porcaria de post.

— Você bem que gostaria disso, né?

— Nossa, sua burrice me dá tanta raiva!!!

Ele estava tão inebriado com a sua sensação de vitória que não percebeu o perigo que estava por vir. Nem notou que o corpo do homem que ele tinha visto morrer tinha magicamente desaparecido, sem nenhum traço incriminatório, ou seja, a foto tornou-se a única evidência daquele assassinato.

Afinal, como poderiam rastreá-lo? Será que o assassino o encontraria? Não tinha tantos seguidores assim. Será que Kátia estava certa ou só tinha arrumado uma desculpa para tirar ele do páreo? Todos esses pensamentos o perseguiram naquela noite. Kátia resolveu ficar um tempo morando com sua irmã, pois não iria ser cúmplice daquela maluquice e correr risco desnecessário. Quando ela saiu o fotógrafo começou a ficar realmente preocupado.

Era melhor tirar a postagem e admitir a derrota. Não valia a pena sofrer todos esses percalços por essa vitória que rapidamente tornou-se amarga em sua boca. Começou a suar frio e olhar por todos os lados ao andar pelo prédio. Passou a raramente sair para fazer compras e somente em caso de extrema necessidade. Por fim deletou a postagem, mas era tarde demais... já estava sendo caçado.

Quando estava quase se esquecendo do ocorrido, levantou certa manhã e viu o assassino na praça rondando e calculando uma possível distância da foto. E se viu a foto dele de perfil? Pela teoria dos seis graus de separação era realmente inevitável. Algum amigo do amigo do amigo certamente viu e o alertou. Como não tinha percebido isso antes? Sua boca ficou seca, a nuca fria e as pernas tremiam. O que fazer? Afinal, era questão de tempo até ele ser alcançado e acabar como o professor de Geografia.

Trancou todas as portas, fechou cortinas, apagou as luzes e ficou em silêncio deitado embaixo da sua cama com um lençol cobrindo o seu corpo. Perdeu a noção de quanto tempo ficou deitado ali. Beberia a própria urina se fosse necessário, ou as lágrimas, o que era mais provável, pois depois de um tempo começou a chorar de pavor. Ficou dias sem mover um músculo. A tensão o deixava dormir muito pouco. Cogitou até beber água da privada, para se movimentar o mínimo possível. Por fim ouviu uma movimentação nos corredores do seu prédio. Dois paramédicos conversavam do lado de fora:

— É a coisa mais absurda que já ouvi. Quem morre assim? O cara escorrega e cai de uma escada, batendo a cabeça. Parece comédia pastelão.

— Eu já presenciei coisas mais bizarras nesse prédio. Eu te conto na volta para o hospital. Acho que tem um vodu cercando esse prédio. Te juro! Cada ocorrência aqui parece um episódio de Além da Imaginação.

— Doideira. De onde surgiu todo esse sabão e essa água, se a faxineira está de folga? E por que esse cara não pegou o elevador?

— Deixa isso para os investigadores, não cabe a nós responder essas perguntas. Deixa quieto e toca o barco.

Juliano tentou olhar pelo buraco da fechadura, mas não viu nada. Arriscou sair e conseguiu ver os dois saindo do prédio e carregando um cadáver coberto por um lençol branco numa maca. Sentou-se pálido no corredor do prédio com os olhos arregalados encarando o vazio. Afinal, o que tinha acontecido? Foi então que ele percebeu um casal de crianças olhando para ele no fundo do corredor. A menina cochichou algo no ouvido do menino, que começou a chorar e a vir correndo em sua direção:

— Desculpa moço, desculpa! Foi sem querer! Eu não queria! — e chorava de soluçar...

A menina veio andando devagar e explicou:

— A gente estava brincando com água e sabão em pó. Era uma competição de quem fazia mais espuma. Aí a gente se empolgou e foi colocando cada vez mais água e mais sabão. Quando a gente viu tava saindo pelo corredor e indo para a escada... Aí a gente se escondeu dentro de casa. Fomos ver televisão e de repente ouvimos um barulhão do lado de fora. A gente só saiu agora. Seu amigo morreu num acidente que a gente causou. Foi sem querer, moço! Não dedura a gente!

— Vocês viram quem morreu?

— Não, a gente saiu agora.

— Mas ele tava armado.

— Como você sabe disso?

— Eu vi o moço do hospital colocando uma arma dentro de um saco plástico.

— Seu amigo andava armado por quê?— perguntou a menina curiosa.

— Ele não era meu amigo. — disse Juliano. — Na verdade ele era um cara muito perigoso, se é quem eu estou pensando...

Juliano se despediu das crianças e voltou para dentro do seu apartamento. Assim que trancou a porta, respirou aliviado e ligou para Kátia, afinal depois de tudo aquilo, ele tinha finalmente percebido que haviam coisas mais importantes na vida que uma mera competição de fotos. Não tinha ideia de como seria a sua vida dali em diante, pois até então suas motivações eram exclusivamente competitivas. De qualquer forma queria viver sem pressa. Deitou-se na cama e ficou olhando o teto, com um longo sorriso na boca.



Gilson Salomão Pessôa é formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Colunista na área de Cultura Pop em sites como o site da Editora Panóplia (<https://www.editorapanoplia.com.br>) e Revista K7 (www.revistak7.com.br), já publicou dois livros, um de prosa e um de poesia. Atualmente trabalha como funcionário público na Secretaria de Cultura de Matias Barbosa, Minas Gerais.

incentivo à leitura



Sobrou a glicose

CONTO

"Lá nos cômodos apertadinhos, a vida transcorre a mercê da sorte, condicionada às crises financeiras; onde os casais entram em conflito, colocando em risco a estrutura conservadora da família iguaçuana."

IDICAMPOS

Conto

O BNH (Banco Nacional de Habitação) produziu na rua Otávio Tarquínio, durante a ditadura militar, um conjunto de apartamentos — tipo construção popular — arquitetados em blocos, apelidado, carinhosamente, por Pombal.

Lá nos cômodos apertadinhos, a vida transcorre a mercê da sorte, condicionada às crises financeiras; onde os casais entram em conflito, colocando em risco a estrutura conservadora da família iguaçuana.

Numa dessas oscilações da economia brasileira, o casal do bloco: c, moradores do 207, expunham as contradições do casamento:

— Vai você...

— Aqui, tu que estás acostumado!

— Quero vê-lo vestido de madeiral!

— Não te desejo a morte, porque o inferno fechou as portas, alegando lotação esgotada!

O prédio, no final do condomínio, trouxe para janela as fofoqueiras... O barraco estava armado. Anita havia descoberto a traição do marido, flagrado na alcova, na companhia do borracheiro, no Motel Medieval.

Tratava-se do Zé da Borracha, xerife do Caioaba — bairro próximo dali — proprietário do comércio de pneus, instalado às margens do rio Botas.

A triste coincidência aconteceu, quando a vizinha do 206 traía o marido, à tardinha, no mesmo estabelecimento. A amiga testemunhou os amantes, serelepes, com os cabelos molhados, abraçados, saindo do hotel. O borracheiro escondia o lado feminino atrás do bigode; já o marido da dona nunca dava pinta, mas os dois trocavam as línguas numa despedida frenética.

Nova Iguaçu, inteiro, tremeu com a repercussão do caso, a separação foi inevitável. O cara deixou a residência pra ela, indo morar nos fundos da Borracharia, em comunhão estável.

Anita, a vítima do gilete, definiu, virou um palito, perdeu o apetite; sendo socorrida pelo açúcar, o chocolate, o pé-de-moleque, a cocada, etc. Em pouco tempo ganhou espaço no mundo, engordou cem quilos.

Deprimida, carente, cedia à chantagem da glicose; lutava contra a carência com a doçura dos açucarados.

Namorou o sujeito do térreo, deu ao barbudo de frente, só nunca transou com a lagartixa, pois ela subiu na parede; porém o buraco era mais embaixo, o vazio existencial enchia o âmago da criatura... A situação atenuou (inesperadamente) na aproximação,

amorosa, da vizinha delatora que dedicou carinho, atenção... Iniciando um romance, fincado em novas descobertas...

Adileia, a vizinha cacoete, enganava o marido, no motel Medieval, periodicamente, com um afeto insignificante, fazia pra se vingar do carma de conviver com a besta do esposo; no entanto, a paixão por Anita, invadia o peito, constituía uma forte atração... Venceria qualquer barreira por aquele sentimento.

Anita continuava triste, uma rosa murcha num jardim de pedra, engordava cada vez mais, encontrava nas guloseimas um conforto pra sua frustração... Logo foi diagnosticada com obesidade mórbida.

Adileia, incansável, correu atrás, conquistando no SUS, o direito à operação de redução de estômago para a companheira. Feito o procedimento, efetuada as plásticas reparadoras, a mulher parecia uma deusa da beleza!

A primeira providência de Anita, agora gostosa, foi arrumar um garotão, dando desprezo à Adileia; dispensara o coito homossexual, uma crueldade com a vizinha.

O relógio disparou os ponteiros, o tempo correu, o jovem rapaz cansou da velha Anita, arrumou outra; largou a ingrata nos braços do desespero, de novo...

Anita, descontrolada, vendeu o apartamento, gastou todo o dinheiro comprando o sexo dos cafajestes.

Já na rua da amargura recorreu ao antigo relacionamento; procurou Carlão, o marido traidor, sendo acolhida na Borracharia, sujeita a um triângulo amoroso.

Os três viviam em harmonia, até a semana passada, na última chuva, quando o rio Botas transbordou, afogando a borracharia, deslizando toda forma de amor nas correntezas da enchente; perderam tudo, inclusive a vida...



Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

*Noves fora, zero**

CONTO

"Um dia, apareceu um casal num velho automóvel. Foi surpresa geral no vilarejo: mulheres acorreram às portas e janelas, velhos levantaram a cabeça, crianças pararam de brincar. Logo todos viram que o automóvel parava em frente ao albergue."

IRACI JOSÉ MARIN

Conto

Conta-se que havia um vilarejo pequeno e antigo, onde os poucos moradores viviam pobremente em suas pobres casas de pedra.

Um dia, apareceu um casal num velho automóvel. Foi surpresa geral no vilarejo: mulheres acorreram às portas e janelas, velhos levantaram a cabeça, crianças pararam de brincar. Logo todos viram que o automóvel parava em frente ao albergue.

Como viajavam sem pressa, os viajantes decidiram passar o dia ali. O vilarejo parecia interessante. Iriam até a igreja, no alto da colina, com uma torre pequena na parte central, onde um sino badalava anunciando o meio-dia. O casario diferente também chamou a atenção deles; ouviram dizer que havia outros lugares a serem visitados.

Almoçaram com a mesma tranquilidade do lugar. A comida típica fora bem preparada e estava muito gostosa. Mais uma razão a favor da estada. Ficariam alguns dias no vilarejo. O casal pagou o valor antecipadamente.

Após os viajantes saírem para o passeio, o albergueiro correu até o açougue.

— Seu Antônio, vim pagar o que lhe devo.

Antônio pegou o caderno meio ensebado e fez a conta.

— O preço da carne aumentou, seu Ambrósio. Então o que o senhor me deve é tanto...

— Mas não está certo. Quero ver esta conta.

E avançou pra cima do caderno do açougueiro. Ficou olhando a quantidade de números e contas rabiscadas na folha, não entendeu o cálculo e retrucou:

— Só tenho isto aqui – e pôs o dinheiro na mesa, batendo com a mão. — Se quiser isto pela dívida, está pago. Se não quiser, fico com o dinheiro e continuo devendo...

O açougueiro olhou o cliente por um instante, depois falou:

— Está bom, vou aceitar. Mas isto não pode se repetir.

Com a dívida paga, o homem voltou satisfeito para seu albergue.

O açougueiro, por sua vez, montou no cavalo baio e foi até a casa do seu Alberto. Ia completar o pagamento da dívida do boi que comprara dele há algumas semanas. Seu Alberto fazia a sesta costumeira. O açougueiro sentou num banco de pedra embaixo de um cinamomo e esperou.

Quando Alberto apareceu, espreguiçando-se do sono bom, Antônio levantou-se do banco.

— Vim completar o pagamento – falou. E entregou-lhe o dinheiro. — Acho que agora fica tudo acertado entre nós.

Alberto contou, achou que estava certo e seu semblante se abriu de alegria. Também pagaria sua pequena dívida.

Acompanhou o açougueiro e procurou a Albertina. Pagaria o que lhe devia dos tantos encontros noturnos que mantiveram e pela satisfação que ela lhe dera a cada vez.

Mal pegou o dinheiro, ela correu até o albergue pra pagar o que lá devia. Albertina alugava um quarto de fundos para seus encontros com seu Alberto e outros.

O dono do albergue ficou duplamente satisfeito. Tinha pago o açougueiro e recebia de quem lhe devia.

Nisto, o casal de viajantes apareceu. Como já tinham visitado os poucos lugares interessantes, resolveram partir. Assim, pediram de volta o dinheiro adiantado. Mesmo contrariado, o dono do albergue devolveu-lhes o valor e os viajantes seguiram viagem.



**Reconto de história popular.*

Iraci José Marin reside em Caxias do Sul - Rs. Professor aposentado e advogado, publicou artigos em diversas revistas e obras de ficção. Também publicou artigos e livros de pesquisa sobre a etnia polonesa. Em 2021, lançou um livro de histórias infantis - "Histórias de ontem".

advmarin@gmail.com

incentivo à leitura



Eu acredito em fantasmas

CONTO

"Ele era um homem forte, branco e vermelho, diziam que quando estava irritado ficava tão vermelho que parecia que ia explodir, ao mesmo tempo em que parecia maior e mais gordo [...]"

ROSA DOS VENTOS

Conto

Bom Jardim era na época um pequeno Vilarejo. Encrustado lá no Sertão de Pernambuco.

Na realidade eram grandes fazendas, com as casas dos colonos e empregados. Seu João era dono de uma grande propriedade. Vindo de Portugal nos anos 20, aqui se abancou, casou-se com uma linda moça, esta era descendente de índios que habitaram aquela região. Ela era de uma das poucas famílias que não tinham sido escravizadas, graças a bondade do Senhor João.

Ele era um homem forte, branco e vermelho, diziam que quando estava irritado ficava tão vermelho que parecia que ia explodir, ao mesmo tempo em que parecia maior e mais gordo, porque segundo diziam que se assemelhava a um grande sapo. Ganhou o apelido de vermelhão, não se incomodava com isso, achava até engraçado. E assim conquistou grandes amigos e admiradores.

A fazenda vizinha era de um parente próximo ao Senhor João, mas lá a coisa era diferente. O Velho Aguiar era um terror para a família, os seus empregados, morriam de medo, o comparavam a um animal enfurecido. Aliás, literalmente morriam ou desapareciam se desagradassem o velho louco.

O Senhor João, por muitas vezes tentou conversar e convencer seu parente, que nunca souberam se era um primo ou outra coisa, para que este fosse mais camarada com seus familiares e empregados. Mas nada fazia o velho louco mudar seu jeito asqueroso de ser.

Passaram-se anos, e uma rivalidade nasceu após o filho do Senhor João se encantar com uma das filhas do Velho Aguiar. A moça não aceitou que o pai a trancasse em casa, e com auxílio de empregados do namorado, fugiu. O Senhor João, foi a cidade e de lá trouxe um padre. E foi um festão, fazendeiros de toda região vieram, bezerros foram sacrificados. leitões assados, e a comilança, varou a noite e dia.

Os noivos ganharam uma semana na cidade, e em poucos meses a moça criou barriga. Seu João espalhou para todo mundo que ia ser avô. Todo mundo comemorou, o Velho Aguiar não.

E segundo dizem, ele iria matar o filhote de cruz credo assim que nascesse. Ninguém levou a sério. Que avô mataria o primeiro neto.? Todos achavam que quando a criança nascesse amoleceria o coração do velho.

Tão logo a criança nasceu, animais começaram a sumir do pasto. Um dos empregados do Senhor João disse: Isso é obra do velho louco. Esse mesmo empregado dias depois apareceu com a boca costurada, duro feito uma pedra. A esposa dele, dizia que o via atravessar a cerca que dividia as propriedades gemendo e chorando. Como todo boato cresceu e tomo rumo na boca do povo.

Logo se falava que não era só o Zé da boca costurada, outros colonos viam outros fantasmas, talvez os empregados sumidos da fazenda do velho. A criança era um lindo menino branquinho, com cabelos negros. Um verdadeiro anjo, não chegou a idade de um ano. Apesar dos cuidados dos pais e do avô, que mesmo não acreditando nas ameaças do velho, mantinha empregados sempre em sentinela, para que nenhum desconhecido entrasse na fazenda.

A mãe da criança desesperada, foi à casa do pai e o acusou da morte do filho. Este riu descaradamente e desceu a cinta na filha. Esta voltou a casa, toda machucada e febril na manhã seguinte amanheceu morta. O Senhor João e o filho ficaram inconsoláveis. O filho enlouqueceu de tanta dor, e tirou a própria vida com um tiro de garrucha. Seu João, encarcerou-se em casa, deixou de ser o patrão. Esqueceu suas obrigações, esposa e seus outros filhos, deixou tudo nas mãos de seus empregados.

Quando o velho soube, deu um último golpe. Simplesmente mandou matar o Senhor João, em uma festa junina, em que os empregados conseguiram tirar o bom patrão de casa. Naquela época usava-se um tal de rojão de vara, faziam uma espécie de tripé, e colocavam canudos de pólvora, e com um tipo de fio acendiam a uma distância e aquilo explodia fazendo um barulho ensurdecedor. Era uma alegria só, a fogueira, as danças, a cantoria de roda, as mulheres em seus vestidos coloridos, e as crianças com seus algodões doces e suas brincadeiras. Um raro momento em que o Senhor João riu, após tanta tragédia.

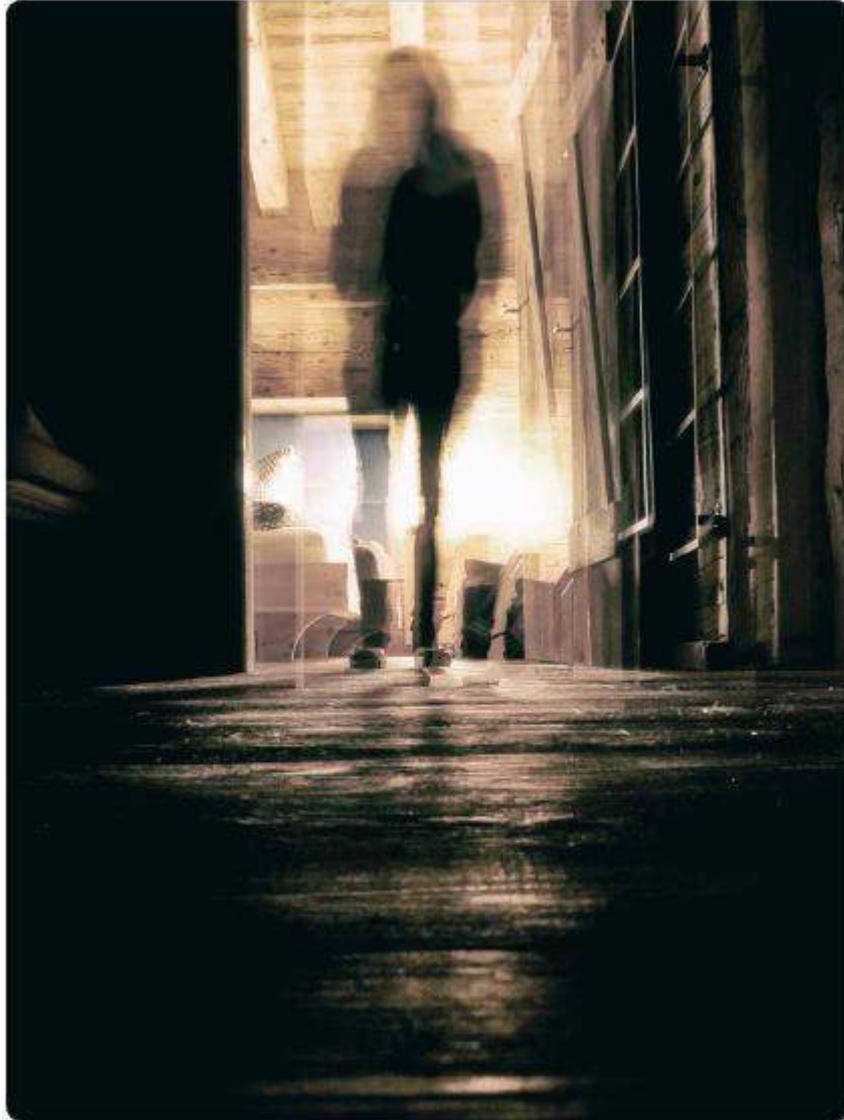
Mas em meio a festa, uma vara dos rojões simplesmente atravessou as costas do Senhor João.

Seus empregados e filhos, o colocaram em uma rede, e andaram léguas, até a cidadezinha mais próxima para levá-lo ao médico da região. Mas, chegou já sem vida, dizem que seu sangue marcou a terra, que se tornou triste e desolada. A família, mulher e seus seis filhos, ainda pequenos, foram expulsos das terras, por mando do velho louco. Os empregados que não conseguiram fugir, foram mortos e as casas incendiadas.

Mas uma justiça maior estava por vir. Dizem que onde pingou o sangue do vermelhão, a terra enegreceu, nem mesmo um ramo de mato nasceu mais naquele lugar. E a fazenda que era próspera caiu em uma imensa tristeza, o gado foi morrendo um a um, e alcançou a fazenda do velho louco. Os filhos do velho, morreram um a um, e esposa enlouqueceu e andava em andrajos, por toda região, até desaparecer da face da terra. Os empregados do velho, enfim ganharam a liberdade, não mais o obedeciam, roubaram o que deu para roubar. Levaram animais, e tudo o que puderam carregar. E até hoje se conta que o velho, chora e lamenta a vida que teve, as maldades que fez. E todos aqueles que ele ceifou a vida, o cercaram de tal maneira, que ele não consegue se libertar da vida.

O velho não conseguia morrer, contava com mais de cem anos. quando a morte se apiedou dele. E contam que até hoje aquele lugarejo é um lugar arrepiante. Ouvem-se choro, vozes e lamentos. Os mais afoitos que chegaram até a casa do velho Aguiar, dizem que ele ainda está lá, gritando para que saiam de sua propriedade, e ao mesmo tempo pedindo aos que já partiram deste mundo que o deixem em paz.

O horror de ter sido um verdadeiro monstro sem coração em vida, tornou-se o seu inferno na morte, e seu castigo é permanecer naquele lugar desolado, onde nem mesmo a morte queria entrar para ceifar o velho louco.



Ivete Rosa de Souza

Nascida em Santo André, escreve desde menina. Adora manusear as palavras, em poemas, contos e crônicas. Apesar de tudo contra, a vontade fez com que pudesse continuar.

Livro lançado em 2021 *Coração Adormecido* poesias e novo livro a ser lançado na Bienal poesias Ainda dá tempo. @iveterosaades

Facebook Ivete Rosa de Souza.1

incentivo à leitura



Amor, eterno amor

CONTO

"Estamos em junho, mês do amor, do romance, de grandes poesias dedicadas à data, que remetem cada linha e estrofes às palavras que nos enchem o coração de amor ou de prazer."

MÍRIAM SANTIAGO

*Fui a Itororó beber água e não achei.
Achei bela morena
Que no Itororó deixei...*

Estamos em junho, mês do amor, do romance, de grandes poesias dedicadas à data, que remetem cada linha e estrofes às palavras que nos enchem o coração de amor ou de prazer.

Seguindo-se ao pé da letra ao calendário, recordo-me de viver intensamente e sentir um amor daqueles que te leva a fazer qualquer coisa para ter em seus braços a mulher amada uma vez, ainda consigo me lembrar deste episódio, mesmo aos 92 anos de idade...

...

Recém-chegado a Santos, minha família e eu não sentimos muita diferença em relação ao clima, já que em Salvador o calor intenso também sentido nessa Cidade, nos deixou confortáveis nos habituando facilmente desde o primeiro dia em que deixamos nossa saudosa e amada Bahia.

Meu pai é um homem abastado cuja herança herdada dos pais, como filho único, nunca precisou se preocupar com o futuro, garantido para todos nós por muitos anos, ou melhor dizendo, para quase o final de nossas vidas.

Diferente de meus avós, sou irmão caçula de três lindas moças, respectivamente: Elisa, Carolina e Agatha. Com diferença de idade de dois anos entre as duas primeiras e três anos entre Agatha e eu, essa irmã é a que mais convivi e a única em que depus meus segredos, já que as outras não tinham tanto amor assim conosco por sermos os mais novos. Mas nada disso teve muita importância para mim, já que por ser o único varão da família recebera tratamento diferenciado e para o ódio das duas mais velhas, aos 10 anos de idade ainda era tido como o “reizinho da casa”; modéstia parte, adorava o título já que eu as enxergava como duas víboras tenebrosas. Esses momentos em família, tão comuns entre os humanos e, principalmente, entre os latinos me dava certa posição familiar.

Instalados em luxuosa casa no Centro de Santos, logo fomos apresentados às famílias da sociedade da década de 1940, quando a Cidade crescia a cada dia graças ao comércio de café e ao intenso movimento no porto de Santos, que de “porto maldito” passou ao maior da América Latina.

Já beirava os 18 anos e um futuro promissor meu pai colocaria em minhas mãos ao assumir a gerência de uma das fábricas de tecidos, uma filial a ser inaugurada em Portugal, e tomaria posse muito em breve, além do mais, concluiria os estudos na Universidade de Coimbra. Sentia um pouco de medo em assumir tão alto cargo, já que a responsabilidade seria imensa, mesmo assim, o desafio deixava meu sangue fervilhar e a ansiedade complementava esse sentimento, que contava nos dedos os dias para mudar radicalmente

minha vida, passando de um garoto acostumado ao conforto e mimos da mãe, para me tornar o homem de negócio que almejava meu pai.

Ambos iriam comigo para a inauguração da fábrica, minha instalação em um imóvel já comprado e mobilado, sendo que em seis a oito meses minha mãe retornaria ao Brasil e meu pai ficaria comigo pelo menos nos dois primeiros anos.

Mas como a vida da gente às vezes não é perfeita e planos são feitos e desfeitos a todo momento, recorde-me que ao terminar os estudos peguei o bonde para casa, faltava quase uma hora para o almoço. Do bonde escutei uma cantoria, vozes de mulheres e fiquei intrigado, descendo e caminhando até o local proveniente daquele som agradável.

Andei bem pouco e quando dei por mim estava no Recanto do Itororó, à subida do Monte Serrat, nunca tinha ido até lá, não conhecia e fiquei fascinado, pois era um lugar aprazível, com várias pessoas passeando, local com temperatura amena por conta da mata (durante todo o ano) e a água fresca que brotava da fonte. O lugar, sem dúvida, era adorável. A cantoria vinha de um grupo de lavadeiras, eram sincronizadas e deixavam o lugar ainda mais envolvente. Sentei-me em um canto e fiquei escutando a música com os olhos fechados. Uma voz doce e afinada se destacou das demais, cantando lindas canções. Ao abrir os olhos, fiquei paralisado ao ver a graciosa flor morena, com cabelos lisos e negros até a faixa do vestido branco que marcava a cintura. Da boca vermelha e carnuda saíam agudos que deixavam lindos dentes brancos a mostra. Ela era de “fechar o comércio”, nunca tinha me deparado com uma moça tão linda, meiga, adorável!

Cantaram mais um pouco alegrando a todos ao redor. O grupo após findarem de torcer as roupas, colocaram-nas em vasilhas, que de tão limpas brilhavam aos raios solares. Uma das mulheres falou ao ouvido da moça, que se virou em minha direção, quando nossos olhares se cruzaram. Aqueles olhos amendoados encontraram os meus e ela sorriu e virou o rosto. As lavadeiras estavam todas vestidas no mesmo tom e estilo, e eu com o uniforme da escola.

— Moça! — Disse-lhe chegando mais perto quando ela e o grupo deixavam o local com as roupas acomodadas em vasilhames à cabeça.

— Qual é o seu nome?

Ela se virou e falou bem baixinho: Rita, continuando o passo junto as demais.

Fiquei perplexo, parado olhando o grupo se distanciar cada vez mais. Rita se destacava entre todas mantendo o passo, sem olhar para trás.

— Elas vêm aqui às segundas, quartas e sextas, mas é melhor você não se envolver com essa garota, disse um senhor, colocando a mão em meu ombro. — Eu conheço sua família, continuou ele, não gostariam que você se envolvesse com ela.

— O quê —, disse-lhe. Parei e atravessei a rua, me distanciando bem rápido do homem, estava indignado pelo jeito de falar.

Peguei novamente outro bonde. Não sei como consegui entrar e sentar-me, já que minhas lembranças ainda perambulavam pela bica do Itororó. A voz ritmada, a pele morena, o rosto maravilhoso da moça permaneciam em minha mente, não conseguia esquecer a suavidade de como Rita veio até meus ouvidos, subindo ao cérebro e descendo até ecoar no coração!

Em casa disfarcei tão bem que ninguém notou que fora abatido pela paixão, somente Agatha percebeu que algo estava estranho, mesmo assim, não comentou.

Foi uma longa noite sem que conseguisse dormir. A imagem da linda morena se mostrava bem perto de mim em todo o quarto, a figura dele eu via nitidamente em qualquer lugar daquele cômodo, uma paixão ardente que nunca sentira esse sentimento por nenhuma outra moça.

Ao soar o alarme finalizando as aulas, eu já estava na porta do colégio a sair e pegar o bonde. No caminho fui desabotoando a camisa do uniforme para dar ao visual um ar mais velho do garotinho infantil com o logotipo pregado ao peito. Despenteie o cabelo com as mãos e deixei a camisa com o último botão aberto, queria impressionar.

E lá estavam elas, as lavadeiras do Itororó. Notei que Rita me viu chegar, pois seus olhos procuravam os meus e logo que me viu abaixou-os. E assim, a felicidade tomou conta daquela segunda-feira, assim como da quarta e da sexta.

Na outra semana, ao sentar-me à espera das mulheres, Agatha apareceu ao meu lado.

— Então eis a sua paixão a cantar, disse minha irmã. Calma, não se assuste, sabes que não falarei nada a ninguém, mas se papai souber, não vai acabar bem, você sabe. Faltam cinco meses até você completar 18 anos e partirá para assumir a filial dele, é melhor deixá-la ir. Olhando para vocês em mundos tão diferentes, tem que esquecê-la, ela não é o seu futuro, não atrapalhe a vida da moça. — E Agatha levantou-se e foi embora. Rita de longe observou e pensou que fosse uma garota interessada em mim.

Em nossos encontros, disse-lhe que era minha irmã, já que a verdade não havia mais jeito de esconder. E tinha também aquele senhor que trabalhava por ali e ficava de longe, a espreita nos observando. A situação tornou-se insustentável.

Em mais um encontro às escondidas e sempre com desculpas diversas a minha família, contei a verdade à Rita.

— Então sua família é rica? Eu já suspeitava por suas roupas, seu modo de agir sempre com medo de alguém nos ver. Acho melhor não nos encontrarmos mais — disse Rita com lágrimas aos olhos.

— Espere, argumentei, é verdade e o pior é que ao completar 18 anos em junho, irei embora a Portugal para assumir uma fábrica que será inaugurada lá naquele país.

— E quando iria me contar? — Pergunta Rita. — Vocês têm muito dinheiro e eu não sou ninguém, sou filha de uma lavadeira, não conheci meu pai, vivemos minha mãe e eu em um quartinho num cortiço com mais famílias. E também eu mal sei escrever e ler, desde muito pequena, trabalho para ajudar minha mãe, tive de abandonar o terceiro ano primário.

— Nada disso tem importância para mim, quero ficar com você — retruca Nelson.

— Isso é loucura! — Grita Rita ao empurrá-lo. — Não podemos prosseguir, me deixe em paz!

E a pobre garota sai correndo pela Rua Bittencourt, atravessando ruas até a João Pessoa, pois sua casa ficava ao final desse logradouro. Mas Nelson segue sua amada se escondendo para que Rita não visse que ele a seguia. Ela abre o portão da casa e entra, antes de abrir a porta de entrada olha para trás e não vê ninguém, mas Nelson estava abaixado atrás de alguns latões e descobre o lugar onde residia. Num impulso, bate na porta e ao abrir, Rita se surpreende com um beijo, que ela retribui. Nelson a empurra para dentro e fecha a porta. Naquele horário o cortiço estava vazio, já que todos estavam em

seus respectivos serviços. Com o coração de ambos tomando conta da situação, Rita o conduz até o seu quarto, que ficava no final da casa. Ao abrir a porta do minúsculo cômodo, Nelson e Rita se beijam e deixam o desejo falar mais alto. Apaixonados, aquele momento marcaria a vida deles para sempre, mas os jovens não se importam e se rendem à energia do amor!

Já era noite quando Nelson retorna para casa. Após deixar Rita ele perambulou pelo Centro à procura de uma solução, estava decidido a fugir e levar a amada junto e foi assim que começa a arquitetar um plano de fuga, sim, pediria que Rita se casasse com ele as escondidas e os dois partiriam para Salvador, lá ele saberia se virar, tinha familiares bem menos abastados que os acolheria até ele arrumar um emprego. Mas para conseguirem partir, ele teria de arrumar dinheiro para o navio e as provisões até conseguir finalizar todo o plano. Ao chegar à casa, sua mãe e irmãs aflitas, foi recebido pelo pai e junto dele aquele senhor que o tocou no ombro, ele era um dos empregados do pai, o mais fiel, e sem que Nelson soubesse, tudo o que fazia era relatado ao pai.

Sem que Nelson descobrisse, a pobre Rita recebeu uma enorme quantia em dinheiro para deixar a cidade junto da mãe, que doente, não conseguiria mais serviços de lavadeira e mais nenhum outro. Seriam mantidas na capital, bem cuidadas, principalmente o tratamento da mãe. Quanto a Nelson, o pai o deixou seguir seu plano.

Furtando o dinheiro do pai e com as passagens de navio, ficou à espera de Rita no lugar combinado. E as horas foram passando e aflito, Nelson entrou em desespero. Sentado em baixo de uma árvore, suas lágrimas se misturaram com os pingos da chuva que escorria em seu rosto. Frustrado, o pai lhe estendeu a mão e levou o filho para casa. O plano para a filial em Portugal fora mantido, assim como a sua vida que seguiu...

...

Nelson depois dessa recordação que aconteceu há anos no Dia dos Namorados nunca mais comemorou a data. Logo após o almoço recebe uma carta vinda do Brasil, de uma cidade do interior de São Paulo. Era da Congregação Irmãs Filhas de Maria Missionária, em Santo Anastácio. Mesmo sem conhecer ninguém desse convento Nelson aceitou o envelope e foi abri-lo em seu quarto.

Querido Nelson

Há tempos acompanho a sua vida e sei que ainda está vivo, graças a Deus. Nunca tive coragem de escrever-lhe, mas agora, como o meu tempo aqui na terra está terminando e até esta carta chegar em suas mãos talvez eu já tenha partido, não poderia seguir meu plano espiritual sem contar-lhe o que aconteceu.

Quando combinamos em nos encontrar para fugirmos, seu pai e um outro senhor apareceram na minha casa e digo que por incrível que pareça, nunca duvidei da fé. Seu pai me ofereceu enorme quantia em dinheiro para que eu deixasse você seguir sua vida e desaparecesse sem aparecer ao encontro. Pensando a minha situação, aceitei a oferta e seu pai foi um homem de palavra, cumprindo tudo o que me prometera. Por causa de nosso romance, minha mãe enfim pode receber um tratamento que durou três anos e ela ficou curada, pois desenganada por nossa pobreza, ela morreria em dois anos. Assim que nos mudamos para a capital, para uma casa excelente com todo conforto, após a saúde restabelecida de minha mãe, pude voltar a estudar, ministrar aulas, fazer boas amizades. Quando do falecimento dela, sozinha, doei a casa para

uma instituição e o restante do dinheiro adquirido doei também à Congregação em que me ordenei irmã, servindo a Deus até o fim de minha existência. Nunca consegui amar outro homem, nunca consegui te esquecer. Eu não poderia fugir contigo e deixar minha mãe à deriva, mas paguei o preço de não poder me despedir, de deixa-lo partir e seguir seu rumo.

Espero que um dia você me perdoe por ter escolhido minha mãe.

Adeus Nelson, com todo o meu amor,

Rita de Cássia

Nelson beijou a carta e a guardou em sua primeira gaveta da cômoda junto com outras fotos da família e uma folha de caderno gasta com o tempo com uma poesia dedicada à Rita.



Miriam Santiago: jornalista (Assessoria de Comunicação) e também formada em Letras. Publicou em diversos livros de gêneros diversificados. Escreve contos, minicontos e crônicas. Gosta também de ler e fotografar. Possui blog cultural sobre literatura, cinema, cursos e exposições, entre outros.

Blog: <http://miriammorganuns.blogspot.com/> Contato: mirianssantos@gmail.com

incentivo à leitura



Um enigma...

CONTO

"A cidadezinha é simples, empoeirada, simétrica, com um clima pausado, sem emoções como uma sexta prolongada. Até os pássaros voam longe e não cantam. Parece ninguém escutar a ninguém."

MÔNICA PALACIOS

Conto

A cidadezinha é simples, empoeirada, simétrica, com um clima pausado, sem emoções como uma sexta prolongada. Até os pássaros voam longe e não cantam. Parece ninguém escutar a ninguém.

Poucos habitantes, só idosos. Muita familiaridade entre todos. Claro, convivem desde sempre e nenhum deles resolveu mudar nada. Progresso, procrastinar, inovar são termos inexistentes para esta gente.

As novas gerações não suportam este marasmo, esta aparente apatia que só se altera uma vez por ano. Escolhem se mudar para cidades mais desafiadoras para conseguir estudar, trabalhar e assim viver intensamente.

Pais e avós permanecem inalterados, quase museus ambulantes, pouco se mobilizam porque o auto-abastecer-se parece ser a consigna. Hortas, galinheiros e criação de animais permitem o próprio sustento. Se escutam alguns sons de violinos ou bauzukis, o que traz reminiscências de povos gregos, aquelas *vivendas dragões*. Estes casarios são brancos... bom, eram brancos, com portas azuis. O pó muda os tons e os faz pintar e repintar. Quando alguém está na calçada até os poucos cachorros movem o rabo, ainda bem que resta algum movimento.

Alguns empresários aventureiros das capitais próximas arriscaram abrir uma quitanda, um salão de beleza... nada progrediu. Em Pithá, o progresso não encontra acolhida.

Uma vez ao ano as luzes das casas permanecem acesas, as ruas parecem revigoradas. Sim, perto do Dia dos Mortos a cidade fica alerta, tensa, em polvorosa. Faz mais de 35 anos, nesse período aparece pelas ruas da cidade, cada noite, uma mulher lânguida. Não permite nem encostar nela que desaparece e volta a surgir em outra esquina. Caminha com uma cesta de palha cheia de bolas azuis. Raramente olha alguém, sua mirada é distante, fixa no infinito. O rosto é sereno e de rasgos fortes, olhos escuros e boca sempre vermelha.

Passeia pelas poucas ruas da cidade e aos poucos aquela cesta fica também empoeirada, as bolas já perderam o brilho do azul e se opacam. Ainda parece que falta outra escala no seu passeio. Chega no minguado riacho Calcis, senta-se e solta uma a uma aquelas bolas brilhantes. Não é possível escutar a sua mensagem ante cada bola lançada. Só a veem sorrir.

Sorri e, de pronto, desaparece.

Aos habitantes da cidadezinha só lhes resta aguardar o próximo mês de novembro. Esse enigma parece ser um dos poucos estímulos nessa desanimada Pithá.

Mónica Palacios

É Bacharel em Castelhana, Literatura e Latim - Professorado Mariano Acosta (1976) e Mestrado em Letras (Teoria Literárias e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo (2000), Doutoranda na Universidade de Cândido Mendes em LIJ, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol, material didático para o ensino do espanhol e ensino de espanhol.

É autora de 3 livros infantis: *Cartas de Manú e Aventuras de Filipo* (Livrus) e *Medos? Nunca Mais!*, pela Soul Editora.



Ademir Pascale
Escritor e Editor

PATROCINE A

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

EDITORAS E LIVRARIAS:

**TENHA SUA MARCA VINCULADA NAS
EDIÇÕES, SITE E REDES SOCIAIS DA
REVISTA CONEXÃO LITERATURA**

entre em contato:

ademirpascale@gmail.com - c/ Ademir Pascale

REVISTA
CONEXÃO LITERATURA

**PORQUE
AMAMOS
LIVROS**

**NO AR
DESDE 2015**

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO

01.07.2022

**PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO
ANUNCIE | PUBLIQUE | DIVULGUE**

Acesse o nosso Mídia Kit e saiba mais: clique aqui

ACESSE O NOSSO SITE

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Fanpage @conexaoliteratura // **Instagram:** @revistaconexaoliteratura